

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
- PUCRS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

RABECA PERES DA SILVA

**A VIDA DOS POBRES É LUZ PARA O MUNDO
ESTUDO DE Is 49,1-6**

Porto Alegre

2007

RABECA PERES DA SILVA

**A VIDA DOS POBRES É LUZ PARA O MUNDO
ESTUDO DE Is 49,1-6**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Ramiro Mincato

Porto Alegre

2007

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai-Mãe criador da vida.

Aos meus familiares, especialmente à Maria Cecília, minha mãe, mulher perseverante na fé, na esperança e no amor.

Em memória ao meu pai Lúcio Paz da Silva, missionário e poeta das celebrações litúrgicas da comunidade eclesial, e a meu tio Antero Paz da Silva vibrante pela Palavra de Deus.

Às amiga e aos amigos que me incentivaram e me apoiaram na busca e reflexão do tema. Em especial Judite Peres da Silva, Ir. Maria Josete Rech, Lídia Chaves Lemos e Gedovar Deboni Lemos e aos amigos do Cimi, Iara Tatiana Bonin e Roberto Antonio Liebgott.

À Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado que me incentivou e me apoiou no estudo bíblico.

Às pessoas anônimas, que financiaram a bolsa de estudos parcial que me possibilitou a minha formação.

À direção, à secretaria e aos professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ao Dr. Pe. Ramiro Mincato que me orientou e me incentivou a perseverar no estudo proposto.

Ao Dr. Pe. Pedro Kramer que me motivou a ingressar na pós-graduação na Faculdade de Teologia da PUC.

Ao Coordenador da Pós-graduação Dr. Pe. Leomar Antônio Brustolin pelo diálogo e sabedoria.

Resumo

O livro do profeta Dêutero-Isaías aborda que Iahweh vem consolar seu povo exilado na Babilônia. O servo, na perícope de Is 49,1-6, redescobre em meio ao sofrimento e desesperança, que Iahweh não o abandonou. Ele é chamado a ser “Servo de Iahweh” e, além disso, recebe a missão de ser luz das nações até as extremidades da terra. Esta pesquisa exegético-pastoral tem como objetivo refletir quem é o “Servo de Iahweh” e qual a sua missão no contexto do exílio babilônico. Para isto, analiso algumas contribuições de diversos autores e autoras da área bíblica, explorando a diversidade de análises sobre este tema. Há muitas interpretações sobre o “Servo de Iahweh”, entre elas aquela que representa esse servo como uma coletividade. Na expressão “servo” estão incluídas também as mulheres israelitas exiladas na Babilônia. Portanto, são as servas e os servos que cultivam o desejo de libertação, e o concretizam, apoiados na força de Iahweh. Neste trabalho discuto ainda a conjuntura pré-exílica e exílica, destacando aspectos relativos ao contexto econômico, político, social e religioso da Babilônia e à atuação profética no exílio. Também analiso a atualidade do exílio para muitos povos, grupos e indivíduos na América Latina, destacando contextos de luta e de resistência à opressão, como formas atuais de manifestação da força dos “servos e servas” de Iahweh. Afirmo que os servos e as servas de Iahweh, hoje, são aquelas pessoas que buscam alternativas frente ao sistema político dominante. São mulheres e homens defensores da vida, que testemunham a Boa Nova do Reino de Deus.

Palavras-chave: Servo. Servo de Iahweh. Útero. Exílio. Missão

Abstract

The prophet's Deuteronomy Isaiah book says that Yahweh comes to comfort his people exiled in Babylon. In chapter Is 49, 1-6, the servant rediscovers that, in the midst of all the suffering and despair, Yahweh has not forsaken him. He is called upon to be the "Servant of Yahweh" and, moreover, is given the mission of being the light to the nations unto the end of the earth. The purpose of this exegetic-pastoral piece of research is to reflect upon who might the "Servant of Yahweh" be and what his mission is in the context of the Babylonian exile. To that end, I analyze some contributions from several authors in the biblical field and explore the analytical diversity on this topic. There are many interpretations about the "Servant of Yahweh", including the one representing this servant as a group. The expression "servant" also embodies the Israelite women exiled in Babylon. Therefore, it is the male and female servants that nurture the hope to be free, and make it come true by drawing their strength from Yahweh. In this paper I also discuss the pre-exile and exile backdrop and highlight the aspects related to the economic, political, social and religious context in Babylon and to the work of prophets during the exile. I also analyze the current exile circumstances many peoples, groups and individuals face in Latin America today, underscoring their fight and resistance to oppression as current ways the male and female "servants" of Yahweh employ to show their strength. I state that Yahweh servants today are those people looking for alternatives in face of the dominant political system. They are women and men defending life and bearing witness of the good news of the Kingdom of God.

Key words: Servant. Servant of Yahweh. Womb. Exile. Mission.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	9
1. Dêutero-Isaías	11
1.1. As tradições de Isaías	11
1.2. Época, local de atuação e mensagem do profeta	13
1.3. Composição e estrutura do livro do Dêutero-Isaías	15
1.4. O profeta do consolo e da esperança	17
2. Conjuntura pré-exílica e exílica	19
2.1. As deportações e o final do Reino de Judá	20
2.1.1 A primeira deportação sob o Reinado de Joaquin (609-598 a. C.)	20
2.1.2 A segunda deportação sob o Reinado de Sedecias (598-587 a. C.)	21
2.1.3 O fim do Reino do Sul	22
2.2. Nabucodonosor, rei da Babilônia	23
2.3. Contexto econômico e político da Babilônia	24
2.4. Contexto social e religioso da Babilônia	25
2.5. Condições de vida no exílio da Babilônia	27
2.6. Atuação profética no exílio babilônico	29
3. Exegese de Is 49,1-6	31
3.1. Texto Masorético:	31

3.2. Tradução do Hebraico	32
3.3. Delimitação de Is 49, 1-6	32
3.4. Elementos que compõem o texto	34
3.5. A vida dos pobres é luz para o mundo	36
3.5.1 A vocação profética do servo vem desde o útero materno	36
3.5.2 A proteção de Iahweh aumenta as forças do servo	38
3.5.3. “Tu és meu servo, Israel”	39
3.5.4. A confiança em Iahweh reacende a esperança do servo	41
3.5.5. Iahweh modelou o servo para uma missão	42
3.5.6. O servo exilado é luz das nações	43
3.6. O conceito de servo e de serva	46
3.7. O “Servo de Iahweh” no livro do Dêutero-Isaiás	48
3.8. O “Servo de Iahweh” na perícopre Is 49,1-6	50
3.9. Visão de conjunto de Is 49,1-6	52
3.10. O grito das servas e dos servos, “prestai atenção!”	54
<i>4. Hermenêutica do “Servo de Iahweh” nos primórdios do Cristianismo e nos movimentos populares</i>	56
4.1. Jesus é o “Servo de Iahweh”	56
4.2. Jesus é o “Servo de Iahweh” na interpretação dos Santos Padres	57
4.3. Experiências das servas e dos servos de ontem e de hoje	58
4.4. O facho de luz que não se apaga	64
<i>Conclusão</i>	66
<i>Referências</i>	68

Introdução

O estudo exegético de Is 49,1-6 tem como objetivo refletir sobre quem é o “Servo de Iahweh” e qual a sua missão no contexto final do exílio babilônico. Para alcançar esta finalidade, procuro apresentar algumas das contribuições de diversos autores e autoras da área bíblica, explorando a diversidade de análises sobre o tema. Na análise dessas diferentes contribuições, dou relevo àquela que me parece mais condizente com os objetivos deste estudo.

Também é objetivo deste estudo analisar e interpretar o texto a partir de uma perspectiva de gênero. Neste sentido, compreendo a expressão “Servo de Iahweh” como referente a um grupo de pessoas, do qual fazem parte mulheres e homens. Interessa investigar, ainda, por que a perícope menciona, duas vezes, que o servo é chamado por Deus desde o útero materno. Indago, então, qual o significado dessa expressão, num contexto do exílio.

Estabelecendo uma relação com o tema estudado, chamo a atenção para os numerosos grupos que, na realidade latino-americana, estão passando por contínuos exílios em suas próprias nações. Dentro desta realidade situam-se os povos indígenas que foram exilados de suas terras tradicionais, na época da colonização espanhola e portuguesa. Nas palavras de Darcy Ribeiro, “os índios começaram a ver a hecatombe que caíra sobre eles. Maíra, seu deus estaria morto? Como explicar que seu povo predileto sofresse tamanhas provações?”¹.

Na análise que desenvolvo ao longo deste texto, procuro chamar a atenção para o sentido que esta perícope assume para alguns movimentos sociais, como um sinal de esperança. Assinalo para o fato de que estes mesmos movimentos podem ser vistos como portadores da Boa Nova de Deus para a humanidade.

No primeiro capítulo, situo o leitor nas questões introdutórias do livro de Is 40-55, fazendo menção ao livro do Dêutero-Isaías na tradição do profeta Isaías. É importante ressaltar que o profeta - poeta atuou no século VI a.C., entre os anos 550-540, em um

¹ No Brasil, no período da colonização européia, os povos indígenas foram expulsos de suas próprias terras, tendo que fugir mata adentro, outros foram dizimados por epidemias e guerras. O Deus denominado *Maíra* os havia abandonado? A espiritualidade indígena que parecia estar morta continua viva na atualidade destes povos. Com muita resistência e mobilização os povos indígenas garantiram, na Constituição Federal de 1988, os direitos relativos à cultura e tradições religiosas, através do Artigo 231, que lhes assegura o direito de viver de acordo com sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Cf. RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1995. p. 43.

contexto difícil para o povo de Israel, época do exílio babilônico, já no seu declínio e na ascensão do Império Persa. Neste capítulo apresento a mensagem do profeta, anunciando que Iahweh vem consolar seu povo e que já não quer mais sofrimento. A mensagem do profeta convoca o povo: chegou a hora de recomeçar, através de um novo êxodo na vida de Israel; e o povo se põe a caminho.

O segundo capítulo apresenta fatos que ocorrem antes e durante o exílio, relata como ocorreram as deportações e suas conseqüências para Israel. Destaca-se, ainda, a situação política, econômica, social e religiosa da época do Império Babilônico.

No terceiro capítulo realizo a exegese do texto de Is 49,1-6. Neste capítulo, estudo cada versículo da perícopes, com a finalidade de refletir sobre o servo, qual a sua missão e para quem se destina essa missão. Destaco também as dificuldades enfrentadas pelo servo e a descoberta da força salvífica de Iahweh, que não condena, mas abriga e protege o servo.

No quarto e último capítulo busco estabelecer uma relação entre os servos e as servas de Iahweh e a realidade latino-americana. Busco refletir sobre a missão do servo de ser luz das nações e sobre as possibilidades de vivermos essa missão na atualidade, em um contexto latino-americano. Tendo como referência o modo como os servos e servas do Dêutero-Isaías foram capazes de se deixar guiar por Iahweh e, assim, permitir que ele atuasse na história, procuro demonstrar que, também na realidade latino-americana, pessoas e grupos atenderam ao chamado de Deus e colocaram-se a serviço da vida para todos.

1. Dêutero-Isaías

Nesta seção abordo questões introdutórias dos capítulos de Isaías 40-55, iniciando com as tradições de Isaías e, em seguida, analisando os dados pessoais do profeta local de sua atuação, composição literária e estrutura do livro. O profeta, que viveu na época do exílio babilônico é portador de esperança, porque anuncia ao povo exilado uma mensagem de salvação e não de castigo por parte de Iahweh.

O Dêutero-Isaías ou Segundo Isaías ou, ainda, Isaías Júnior,² é referido por Sicre como “o melhor e o maior profeta de Israel”³. Possivelmente isso se deva ao fato de que sua atuação tenha ocorrido fora da Terra Prometida, na Babilônia, e em contexto de disputa entre Iahweh e os deuses babilônicos. Em meio ao sofrimento e à descrença, o profeta descreve a situação do exílio de forma poética, e anuncia que Iahweh vem libertar seu povo. Neste estudo opto pelo nome Dêutero-Isaías.

1.1. As tradições de Isaías

O livro bíblico que leva o nome de Isaías e se encontra em Is 1-66, é uma obra que reúne tradições proféticas. De acordo com Bernardo Duhm, citado por Reimer,⁴ o livro de Isaías 1-66 seria composto por três seções distintas, que são atribuídas a três profetas que atuaram em épocas e contextos diferentes. Nos quase quatro séculos de profecia, entre os anos de 740 a.C. e 400 a.C., final da redação do livro de Isaías, o povo de Judá experimentou o domínio de três grandes potências: Assíria (722 a.C.), Babilônia (597/587 a.C.) e Pérsia (538 a. C.)⁵.

Portanto, nestes contextos de imperialismo se inserem as tradições proféticas de Isaías. Em Is 1-39, o profeta conhece o contexto de invasão assíria (10,5), profere oráculos de

² MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre: Os cânticos do servo de Deus no livro do profeta Isaías*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 19.

³ SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes. 1995. p. 256.

⁴ REIMER, Haroldo. A tradição de Isaías. Segundo Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, p. 9-18, 2006, p. 9 e 10.

⁵ Para uma análise mais aprofundada, ver CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. I.1-39. O profeta da justiça e da fidelidade. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989. (comentário bíblico). p. 11.

juízo contra a política dos dirigentes de Judá e Jerusalém (1,21-28). Também faz menção a um resto que será poupado do castigo iminente e se manterá fiel a Iahweh (4,2-3; 7,3). Seguindo a análise de S. Croatto,⁶ o profeta mantém dois horizontes de destruição e de restauração. A tradição profética de Is 40-55 é herdeira do Isaías histórico, embora o estilo e o vocabulário tendem a ser bem diferentes dos capítulos precedentes.

O livro do Dêutero-Isaías é formado de vários gêneros literários, entre eles, a poesia, o discurso e os oráculos. Possui, também, uma mensagem profética de consolação ao povo que estava exilado e discriminado na Babilônia. O pesquisador Henri Cazelles⁷ considera a Judéia como o local provável da redação de Is 40-55, não longe da costa do mar Mediterrâneo. Esta hipótese parece não ser a mais confiável, e sim na Babilônia, tempo do exílio.

Os capítulos do livro de Isaías 40-55 são uma das seções do livro. Na primeira encontramos Isaías 1-39 e a maior parte dos capítulos são certamente da época da monarquia, final do século VIII a.C. e início do século VII a.C. A segunda é de Isaías 40-55 no século VI a.C., no exílio da Babilônia. A terceira, Isaías 56-66, surge no pós-exílio, no período da dominação Persa⁸.

De acordo com S. Croatto, há uma hipótese de um quarto Isaías, o redator final do livro de Is 1-66.⁹ Além disso, há temáticas que estão superpostas nas três seções do livro de Isaías como, por exemplo, a ênfase especial à diáspora. A obra de IV Isaías estaria ligada ao futuro, como os “novos céus e nova terra” de Is 65,17 e 66,22. Esta hipótese, no entanto, ficará em aberto, pois mantenho a posição clássica das três seções.

⁶ CROATTO, J. Severino. Composição e querigma do livro do Isaías. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes. V. 35/36. p. 43-76, 2000. p. 49.

⁷ CAZELLES, Henri. *A história política de Israel desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 209.

⁸ CROATTO, J. Severino. Composição e querigma do livro do Isaías. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. p. 42. Croatto apresenta em seu artigo a forma e estrutura do livro de Isaías, porém friza que ela é mais complexa e atribui como redator final um quarto Isaías. Confirma o artigo, p. 42-76. NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *O segundo Isaías (40-55): da semente esmagada brota nova vida*. São Paulo: Paulus, 2004. (coleção como ler) p. 9. CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulinas, 1996. (Coleção Bíblia e Sociologia). p. 244.

⁹ Cf. CROATTO, J. Severino. Composição e querigma do livro do Isaías. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. p. 43/44. Conferir no item 2.2 horizonte da redação as três seções de Isaías (1-39) (40-55) (56-66) possuem estratos superpostos, que seriam provavelmente escritos por um IV Isaías; Cf. também Almeida Cunha que segue esta mesma opinião, “ parece que houve um redator final na obra de Isaías 1-66. Depois do exílio da Babilônia, foi necessário organizar o texto final. Este seria o quarto Isaías”. CUNHA, Rogério I. de Almeida. *O servo solidário: uma reflexão sobre nossa experiência de Exílio a partir do Segundo Isaías*. São Leopoldo: Gráfica editora. n. 201/202. (Centro de Estudos Bíblicos). p. 6; Cf. REIMER, Haroldo. A tradição de Isaías. *Estudos Bíblicos*. n. 89. p. 16; Cf. CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. III. 56-66. A utopia da nova criação. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998. (comentário bíblico). p. 402.

1.2. Época, local de atuação e mensagem do profeta

Para alguns autores¹⁰, os capítulos 40-55 de Isaías são atribuídos a um profeta anônimo; para outros estes mesmos capítulos são atribuídos aos discípulos ou às discípulas de Isaías (1-39) que viviam entre os exilados. Talvez tenham sido cantores e profetas nas celebrações litúrgicas¹¹, que atuavam em cultos e reuniões dos judeus exilados na Babilônia. Essa hipótese fundamenta-se no estilo poético do livro e na forma literária utilizada em profusão¹². Por isso, é mais provável que o profeta anônimo, realmente, tenha origem nos cultos litúrgicos. É através desses cantores de Iahweh, que os exilados sentem-se consolados em tempos de sofrimento e dor¹³.

O exegeta Paulo Valério¹⁴ apresenta diferentes opiniões entre os estudiosos sobre a atuação ministerial do profeta e a sua época. Destaco alguns exemplos: ele cita S. Mowinckel que afirma que “nada indica que o Servo tenha vivido no exílio, o contexto de uma Diáspora seria mais adequado”; já M. Treves diz que “a maior parte do livro de Isaías pertence à época dos Macabeus, e apenas seções menores provêm do Isaías do século VIII ou do período babilônico”. Ainda um outro exemplo é o pensamento de R. Albertz, para quem “o Dêutero-Isaías situa-se no período do exílio, com uma linguagem sálmico-profética”. Esta última afirmação está mais próxima de nossa pesquisa.

¹⁰ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 439. ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I: Isaías e Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 269.

¹¹ Cf. SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 89. O Dêutero-Isaías não está na herança da cultura sacerdotal, como o profeta Ezequiel. Ele se encontra na tradição dos cantores (do templo). SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Deus também estava lá: exílio na Babilônia*. São Paulo: Paulinas, 2002. Coleção Bíblia em Comunidade. Série: Visão Global. Vol. 8. p. 56. ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. A Boa Nova em Isaías 40-66: um Evangelho antes do Evangelho. Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: vozes, n. 89, p. 25-32, 2006. p. 25.

¹² ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Jerusalém na tradição islâmica. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 36, p.24-36, 1992. p. 32.

¹³ MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigiyuki. O Senhor terá compaixão: uma leitura de Isaías 55, 1-11. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89. p.60-69, 2006. p. 61.

¹⁴ VALERIO, Paulo F. *Deus justo e misericordioso: Na experiência de Abraão e do Servo Sofredor*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 135 e 136. Cf. também obras citadas por este autor: S. MOWINCKEL, “Die Komposition des deuterojesajanischen Buches”, 254. p. 135; M. TREVES, “Isaiah LIII”, 100. p. 135 e R. ALBERTZ, “Die Exilszeit”, 285. p. 136.

Segundo Sicre,¹⁵ há autores que supõem que o profeta de Is 40-55 nasceu na Babilônia, e ali viveu até o fim de sua atividade profética; outros supõem que ele voltou para Jerusalém (538 a.C.). É provável que o profeta tenha exercido sua atividade entre os desterrados da Babilônia, quase no final do exílio. A maioria dos autores biblistas afirma que o Dêutero-Isaías atuou no século VI, entre os anos 550-540 a.C, época do declínio do Império Babilônico e da ascensão dos persas.¹⁶ O local da profecia do Dêutero-Isaías é desconhecido na Babilônia.

Os exilados desta época pertencem à segunda geração de deportados, composta por mulheres e homens que sonhavam em retornar à terra dos seus antepassados e não aceitavam a imposição cultural e ideológica do Império Babilônico. Foi uma época de sofrimento, dúvidas, reflexões e decisões. O profeta conhecia bem a situação do seu povo exilado, pois viveu no meio dele, em aldeias e comunidades agrícolas. Neste caso, a mensagem profética poderia ser produto das comunidades no exílio, conforme argumenta Milton Schwantes¹⁷.

A mensagem profética de Dêutero-Isaías é destinada aos israelitas exilados na Babilônia, mas ela ecoa, simultaneamente, entre os israelitas que vivem na diáspora e em Jerusalém¹⁸. O profeta anuncia a libertação e o retorno dos exilados a Jerusalém e, conforme argumenta Sicre, a mensagem do livro corresponde a duas etapas: a primeira, consiste na libertação do jugo babilônico e no regresso à Terra Prometida (Is 40-48), enquanto que a segunda etapa fala da reconstrução e restauração de Jerusalém (Is 49-55)¹⁹. É uma mensagem de consolo e esperança, sem repressão e sem julgamento por parte de Iahweh, que perdoa o passado de Israel e o anima para o futuro (40,1-5)²⁰. O profeta anuncia que Iahweh é o Senhor da História, que é hora de retornar para a Terra Prometida, retomar as promessas feitas por

¹⁵ SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 256. SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 310.

¹⁶ É o caso de autores como DONNER, Herbert. *A História de Israel e dos povos vizinhos*. V. 2. p. 439; SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987. p.89; ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I: Isaías e Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 270; ABREGO LACY, J. M.. *Os livros proféticos*. São Paulo: AM. Vol. 4, 1998. p. 213; AMSLER, S. et alii. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 303; KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio. Uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 113; RIDDERBOS, J. *Isaías*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986. p. 32.

¹⁷ Cf. SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 89.

¹⁸ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 22; CROATTO, J. Severino. O Dêutero-Isaías, profeta da utopia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, n 24, p. 38-43, 1996.p. 39.

¹⁹ SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 257. SICRE, J. Luis. *Profetismo em Israel*. p. 258.

²⁰ PIXLEY, J. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 89; KLEIN, Ralph. *Israel no Exílio*. p. 114 e 115; MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. p. 187; CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. p. 247; SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 91.

Iahweh a seu povo, (Is 43, 14-21; 40, 9-11). Na opinião de alguns autores, o retorno acontecerá como um novo êxodo²¹. Conforme Ralph Klein, isto se realizará como algo novo prometido por Deus:

A 'coisa nova' prometida por Deus refere-se ao êxodo de Israel do exílio babilônico, juntamente com suas causas e conseqüências. O Dêutero-Isaías insistia em que Israel não limitasse seus horizontes teológicos a recontar a antiga história da salvação, mas a esperar que Deus estava disposto e era capaz de realizar novo êxodo, como fizera no passado²².

No primeiro êxodo, Iahweh libertou os israelitas da escravidão e opressão do faraó, rei do Egito (Ex 15). No segundo êxodo, Iahweh libertou os cativos da idolatria babilônica, e os conduziu à terra dos seus antepassados (43,16-20; 51,9-11). O profeta busca recuperar a "memória histórica" do seu povo, e essa recuperação consiste, entre outros, na recomposição da imagem de Iahweh, que não deve ser entendido como um Deus vencido e derrotado, mas como um Deus libertador e vitorioso²³. A mensagem do profeta, portanto, é anunciar o consolo e a compaixão de Iahweh aos exilados e às exiladas e contém, além disso, uma crítica ao fascínio exercido pelos deuses do panteão babilônico.

1.3 Composição e estrutura do livro do Dêutero-Isaías

A análise da composição e da estrutura desta obra é apresentada de maneira bastante diversificada entre os estudiosos. No entanto, a maioria deles divide o livro em duas partes.

Acerca da composição literária, encontramos várias posições teóricas, como demonstra Paulo Valério²⁴. Da obra de Gressmann o autor destaca a posição de que não existiria uma estrutura literária de Is 40-55, pois, para Gressmann, o Dêutero-Isaías é “uma

²¹ Cf. DONNER, Herbert. *A História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 439; CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. p. 248; ALONSO SCHÖKEL, L; SICRE DIAZ, José Luís *Profetas I*. p. 271; KLEIN, Ralph. *Israel no Exílio*. p. 141; SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio*. p. 93; CROATTO, J. Severino. *Composição e querigma do livro do Isaías*. p. 57; GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje*. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 155.

²² KLEIN, Ralph. *Israel no Exílio*. p. 129.

²³ CROATTO, J. Severino. *Composição e querigma do livro do Isaías*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. p. 56; CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 37; CROATTO, J. Severino. O Dêutero-Isaías, profeta da utopia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, n 24. p. 38-43, 1996. p. 239.

²⁴ Cf. VALERIO, Paulo F. *Deus justo e misericordioso*. p. 137 -141. Cf. também as obras citadas por Paulo Valério: de H. GRESSMANN “Die literarische Analyse Deuterojesajas”, 254. p. 137; de S. MOWINCKEL “Die Komposition”, 87. p. 138 e de P. E. BONNARD, LE Second Isaïe, 25. p. 141.

coleção de unidades ou discursos separados e autônomos”, tendo o profeta usado “gêneros proféticos tradicionais” (a saber, visões, ameaças, promessas, consolações, julgamentos). Valério destaca também a opinião de Mowinckel, para quem “o Dêutero-Isaías compõe-se de unidades independentes, sejam elas oráculos e poemas”. Gressmann e Mowinckel concordam, portanto, em que não se pode entrever nenhuma estrutura clara no livro de Dêutero-Isaías, já que os poemas isolados não têm relação entre si. No fundo, a estruturação do livro não é de seu particular interesse, pois importa-lhes, antes, analisar os gêneros literários. Sicre, por outro lado, consegue vislumbrar uma clara estrutura do livro. Para ele, o livro está dividido em duas partes ou etapas: a primeira (40-48) corresponde à libertação dos exilados da Babilônia e a volta à Terra Prometida, e a segunda (49-55) diz respeito à reconstrução e restauração de Jerusalém.

Já para Garmus, a ênfase da mensagem do livro Dêutero-Isaías é a declaração de Iahweh como Criador da história de Israel e do Cosmo. Assim, ele estrutura o livro da seguinte forma: a primeira parte de Is 40,12-48,19 ressalta que Deus atua na história, é o Criador e soberano perante os deuses babilônicos, destacando que Ele é o sujeito da ação e nunca uma divindade estrangeira. Já a segunda parte, 48,20-55,13, ressalta a temática do novo êxodo, onde, com a força de Iahweh, o povo sairá vitorioso do exílio.²⁵

Conforme Reimer,²⁶ o capítulo 40 seria a apresentação do livro e o capítulo 55 corresponderia à conclusão. As duas partes estão assim compostas: 41,1-49,13 e 49,14-54,17. Esse autor salienta que, em termos de conteúdo, o livro trata da consolação de Israel deportado, da compaixão de Iahweh por seu povo e do fascínio de alguns grupos de exilados por outros “deuses” na Babilônia. Diante disso, o autor do Dêutero-Isaías procura recompor a imagem de Iahweh, que passa a ser celebrado como único e que, fora dele, não há outro Deus (44,6; 45,21; 46,9).

Para Zenger,²⁷ a obra se compõe de duas partes: a primeira composta pelo prólogo 40,1-11, seguido de 40,12-48,19, onde Iahweh é o Criador e o único Deus que atua na história; e a segunda parte refere-se ao novo êxodo 48,20-55,13 e finaliza com 55,10-11; 12-13. Já para S. Croatto, os capítulos do Dêutero-Isaías estão divididos em duas grandes unidades e, conforme últimas pesquisas, o livro de Isaías seria formado por unidades de composição maiores e menores, as quais teriam estruturas e funções próprias. Para o autor, na

²⁵ Cf. GARMUS, Ludovico. A criação e história em Is 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, p. 33-43, 2006. p. 33.

²⁶ REIMER, Haroldo. A tradição de Isaías. Segundo Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. n. 89. p. 11

²⁷ ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 389.

primeira parte (40,1-49,13), o profeta recupera a figura de Iahweh como um Deus Criador, capaz de ressuscitar “a memória histórica” do povo desencantado por Iahweh. Na segunda unidade (49,14-55,13), o texto está voltado para Jerusalém, exortando-a e animando-a, mostrando-lhe o projeto salvífico de Iahweh²⁸.

Conforme foi apresentado, há divergências em relação à divisão do livro, sendo que autores como Sicre e Garmus concluem a primeira parte no capítulo 48,19 enquanto que outros, como Reimer e S. Croatto entendem até 49,13. A maioria dos autores o estrutura em dois momentos, no primeiro momento (40-48), a atuação de Iahweh na história dos exilados e exiladas, promovendo a libertação e a volta à Terra Prometida. Iahweh vem para salvar o seu povo e não o abandona, ele é o criador, é o único e não há lugar para outros deuses. No segundo momento (49-55), é chegada à hora da “saída” da Babilônia e, de acordo com os autores referidos, configura-se um novo êxodo, a exemplo da fuga dos israelitas das garras do faraó do Egito. O desejo de voltar a Jerusalém é conduzido pela mão de Iahweh, recomeça uma nova etapa de reconstrução da cidade, da cultura e da fé.

1.4. O profeta do consolo e da esperança

Podemos afirmar, portanto, que o profeta Dêutero-Isaías tem como destinatários os israelitas exilados, sendo que sua mensagem talvez atinja também israelitas da diáspora e os moradores das cercanias de Jerusalém²⁹. A mensagem do profeta repercute, portanto, em lugares distantes e diversos. O anúncio de consolo e de esperança socializa-se entre os israelitas dispersos pelo Império Babilônico. No terceiro capítulo, será discutida a especificidade e a universalidade do anúncio do profeta.

Aventamos acima (1.2) sobre o contexto de atuação do profeta. Indício mais forte de sua ambientação histórica continua sendo o fato de ele mencionar duas vezes Ciro, o rei dos persas (Is 44,28; 45,1), além de fazer alusão a ele, em várias outras passagens de sua profecia.

³⁰ Aqui não interessa o fato se Ciro ou algum outro rei persa conseguiu ou não atender as expectativas de libertar os exilados.³¹ Em todo, caso o profeta atribui essa missão também ao “Servo de Iahweh”, como veremos no capítulo III à luz de Is 49,1-6.

²⁸ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. III. p. 409.

²⁹ Cf. nota de rodapé 18 do item 1.2.

³⁰ ZIMMERLI, Walter. *Manual de Teologia del Antiguo Testamento*. In: Academia Cristiana. Vol. II., 1980. p. 256. KLEIN, Ralph. *Israel no Exílio*. p. 122.

³¹ GARMUS, Ludovico. A criação e história em Is 40-55. *Estudos Bíblicos*. p. 41, afirma que isso não foi o caso!

Após abordar as questões introdutórias do livro de Dêutero-Isaías, apresento, no próximo capítulo, um aprofundamento do contexto histórico em que viviam as exiladas e os exilados na Babilônia. Tendo presente a realidade política, econômica, social e religiosa na Babilônia, talvez seja possível afirmar com mais precisão a mensagem profética.

2. Conjuntura pré-exílica e exílica

Este capítulo trata da situação pré-exílica e exílica em que se encontravam os israelitas. Antes de ocorrer o exílio na Babilônia, o povo do Reino de Judá, em especial da cidade de Jerusalém, foi subjugado politicamente ao Império Babilônico. Neste segundo capítulo descrevo como ocorreram as deportações, o fim do Reino do Sul e o poderio militar do rei Nabucodonosor. Israel sofreu duas (ou três) deportações por parte daquele poderoso Império Caldeu, como veremos abaixo.

Com o exílio, os israelitas tiveram que conviver com uma cultura diferente e também com inúmeras divindades, e neste contexto Iahweh, aparentemente, não se fazia mais presente na vida dos exilados.

Analiso também, nesse capítulo, os aspectos da realidade política, econômica, social e religiosa da Babilônia, situada às margens dos rios Eufrates e Tigre, na região da Mesopotâmia, bem como da situação dos exilados e exiladas israelitas que viviam naquela região. Na análise de Zabatiero,³² a elite judaíta, antes do exílio, governava e fazia suas leis conforme os seus interesses políticos e religiosos, como também controlava o comércio, arrecadava tributos e explorava o povo. No entanto, esse grupo corrompido pelo poder, há muito tempo, já não agradava mais a Iahweh. No exílio esta elite teve que viver subjugada aos interesses políticos e ideológicos do império babilônico. Iniciava-se uma situação de desesperança na história do povo de Deus, submetido, ademais, a elevados tributos e ao controle por parte do Império, tendo possivelmente até restrições quanto ao livre trânsito para fora de seus acampamentos³³.

Com a destruição do templo e da cidade de Jerusalém, a fé do povo ficou abalada (2Rs 25,8-21). As promessas de Iahweh pareciam sucumbir diante da destruição e pelas deportações. A terra, o templo em Jerusalém e o rei alicerçavam a fé e a identidade de Israel. Será que o projeto de Iahweh havia fracassado? Onde estava Iahweh, durante as invasões de Nabucodonosor ao Reino de Judá e em Jerusalém? Estas são indagações feitas por Rossi³⁴ para afirmar em seguida que o profeta revela-se como um porta-voz de Iahweh e anuncia, em nome de Deus, o consolo e não mais o castigo. Assim expressa também Werner Schmidt:

³² ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Servos do Império. *Estudos Bíblicos*. n. 18. p. 39.

³³ Sobre esse aspecto, cf. SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 30.

³⁴ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Cativo da Babilônia: uma crise criativa. *Estudos Bíblicos*. n. 43. p. 40.

Deus mesmo anuncia um novo tempo, o fim do tempo de servidão e sofrimento. A virada que há para os exilados, a mudança de juízo para salvação se faz notar até nos pormenores lingüísticos: ‘vosso Deus fala’ (de novo) ao ‘meu povo’. A duplicação da convocação tem finalidade de atrair, encorajar e confortar (49,13; 51,12 e outras). Aos cansados se promete nova esperança³⁵.

Deus sempre se fez presente na vida dos exilados, manifesta-se através das palavras do profeta anônimo e, aos poucos, vai se revelando e anunciando a salvação.

2.1. As deportações e o final do Reino de Judá

2.1.1 A primeira deportação sob o Reinado de Joaquin (609-598 a. C.)

Com a morte do rei Josias, quem assume é seu filho, Joacaz, que reinou por três meses em Jerusalém e foi conduzido ao trono pelo “povo da terra”³⁶. Na análise de Milton Schwantes,³⁷ esse grupo assume os negócios do Estado de Judá (2Rs 23,30), pois daria continuidade às reformas as quais o rei Josias havia dado início.

Por volta de 609 a.C., o Egito exercia supremacia sobre a Palestina e a Síria.³⁸ O faraó Neco II não concordava com a administração do rei de Judá e mandou aprisioná-lo em Rebla, nomeando como novo rei, Joaquim, filho de Josias. Joaquim reinou durante onze anos, viveu sob o domínio do Egito, pagando os tributos que o faraó lhe impôs, uma contribuição de 100 talentos de prata e ouro (2Rs 23,33). A política adotada pelo rei de Judá, foi a cobrança de tributos proporcional à quantidade de bens de cada cidadão, afirma Donner³⁹.

De acordo com Garmus⁴⁰, a transferência do corredor sírio-palestinense aos babilônios, tornou o Reino de Judá vassalo da Babilônia durante três anos (2Rs 24,1) sendo que, posteriormente, Joaquim se revoltou contra a política babilônica. Para evitar mobilizações militares⁴¹ em Judá são enviadas tropas babilônicas para sitiarem a cidade e, no

³⁵ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 248.

³⁶ O “povo da terra”, em hebraico ‘*am ha’arets*’ era um grupo social que defendia os interesses do rei da dinastia de Davi. Mantinha aliança com ele, com seu exército e com os sacerdotes de Jerusalém. Esse grupo era responsável pelo recrutamento dos soldados para o exército, e possuía grandes propriedades de terra. PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. p. 76 e 77.

³⁷ SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 24.

³⁸ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 421.

³⁹ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 422.

⁴⁰ GARMUS, Ludovico. A comunidade de Israel em crise: o exílio da Babilônia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 15, p. 23-37, 1987. p. 23.

⁴¹ SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 27.

decorrer dessa operação, morre o rei Joaquim, e seu filho Joaquin, ocupa o seu lugar (2Rs 24,6). Joaquin reinou por três meses e nem mesmo o Egito se sentia capaz de ajudá-lo a vencer o novo império babilônico.

Em 598/7 a.C., Jerusalém é sitiada pelos oficiais do rei da Babilônia Nabucodonosor II. O rei Nabucodonosor levou todos os tesouros do templo e quebrou todos os objetos de ouro que fora do rei Salomão (2Rs 24,13). O rei Joaquin, sua mãe e seus oficiais são feitos prisioneiros e enviados à Babilônia. Esta foi, então, a primeira deportação do povo do Reino de Judá. O rei Nabucodonosor colocou no lugar do rei Joaquin o seu tio Matanias, cujo nome mudou para Sedecias (2Rs 24, 10-17).

A política adotada pelo rei Joaquim de não pagar os tributos à Babilônia continuada pelo seu filho Joaquin, fez com que ocorresse a primeira leva de prisioneiros ao exílio, atingindo principalmente a elite de Judá (2Rs 24,14-15). Some-se a isso o fato de terem sido saqueados os tesouros do templo, gerando uma profunda sensação de abandono e descrença.

2.1.2 A segunda deportação sob o Reinado de Sedecias (598-587 a. C.)

De acordo com Donner⁴², o rei Sedecias governou por onze anos (2Rs 24, 18-20), de 598/7 a 587/6 a.C., em Jerusalém. Teve dificuldades de encontrar novos funcionários para fortificar o Estado, pois a classe alta havia sido deportada e, por isso, seu governo não obteve êxito sob o jugo da Babilônia. Sedecias revoltou-se contra o rei da Babilônia, talvez influenciado pelo Egito, mas sem sucesso, pois a Babilônia possuía um grande exército⁴³. Nabucodonosor acampou com os seus homens diante da cidade de Jerusalém, que ficou sitiada durante um ano e meio, até que os babilônios, conseguiram abrir uma brecha no muro da cidade (2Rs 25,4). A população cansada e com fome, tornou-se alvo vulnerável e conseqüentemente não teve como reagir diante do inimigo.

Sedecias consegue fugir durante a noite, mas em Jericó vale do rio Jordão, o exército babilônico o prende. Ele e seus guerreiros foram levados à cidade de Rebla, na Síria Central, onde estava o quartel general de Nabucodonosor. Ali, o rei de Judá é obrigado a assistir ao assassinato de seus filhos e de sua comitiva. Após o massacre, foi cegado e deportado para a Babilônia.

Ocorre, então, a segunda deportação dos israelitas à Babilônia que também foi resultado de revolta, conseqüências deste ato foram desastrosas para o Reino de Judá, culminando no fim desse reinado. O templo desta vez foi destruído, a maioria da população

⁴² DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 427.

⁴³ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 429.

foi feita prisioneira. Conforme 2Rs 25,12 o povo pobre, como os viticultores e agricultores, ficou na terra sob a determinação do chefe da guarda babilônica. O profeta Jeremias também menciona que aqueles dentre o povo que eram mais pobres e nada possuíam receberam vinhas e campos do chefe da guarda, Jr (39,10). Para o biblista Milton Schwantes, os babilônios realizaram uma ampla distribuição da terra aos mais necessitados, tal obra não foi executada pelos reis davídicos, e sim por um império descrente em Iahweh⁴⁴.

Quanto ao número de pessoas isoladas, Jr 52,28-30 menciona que foram deportados, em 597 a.C., juntamente com Joaquin, 3.023 judaítas; depois, em 586 a.C., sob o reinado de Sedecias, foram outros 832 de Jerusalém; finalmente, em 582 a.C., mais outros 745 judaítas, totalizando 4.600 deportados. Alguns autores aceitam este total como sendo o número historicamente provável de exilados.⁴⁵ Para outros,⁴⁶ o número de exilados deve ter sido bem maior, mais próximo aos 10.000, respectivamente 8.000, mencionados em 2Rs 24,14 e 16. Os números trazidos por Jr 52 parecem ser mais exatos, mas talvez representem apenas os homens, sem contar mulheres e crianças. Neste caso, a tradição de Jr 52 se aproximaria dos números de 2Rs 24. Ainda outros autores estimam que o número de exilados possa ter atingido de 15.000 a 20.000, apoiados em outros dados como as deportações assírias. Mais do que cifras, no entanto, o exílio foi um acontecimento que marcou a história de Israel e fez com que o povo repensasse sua fidelidade para com Iahweh.

2.1.3 O fim do Reino do Sul

A invasão de 587/6 do exército babilônico, na cidade de Jerusalém é a pior de todas, pois significa o fim do Reino de Judá. Para o povo deportado para terras estranhas, o fim de Judá representa o fim das promessas de Iahweh. O comando dessa barbárie estava a cargo de Nabuzardã (2Rs 25,8ss), que era o chefe da guarda pessoal de Nabucodonosor. Ele entrou em Jerusalém, e queimou o templo de Iahweh, o palácio real e as casas de pessoas importantes. Os objetos de bronze, prata e ouro pertencentes ao templo de Jerusalém são transportados para a Babilônia. Judá ficou sem rei, sem funcionários e sem templo para celebrar os cultos a Iahweh, e também a cidade de Jerusalém foi destruída e os muros derrubados. O rei Nabucodonosor designou um judaíta chamado Godolias para governar esse território.

⁴⁴ SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio*. p. 31.

⁴⁵ CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 23. PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. p. 82

⁴⁶ SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio*. p. 29 e 73. CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 232.. GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje*. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 150.

Godolias e seus funcionários estabeleceram-se em Masfa (2Rs 25,22-26), mas foram assassinados por um grupo pertencente à linhagem real, liderados por Ismael⁴⁷.

Os israelitas deportados para a Babilônia ainda reconheciam a Joaquin como sendo o seu rei (2Rs 25,27-30). Então, o rei da Babilônia, Evil-Marodac, concedeu anistia a Joaquin e o tirou da prisão, mas, mesmo sentindo o rei tão próximo, o povo exilado estava preso à outra cultura e continuava a se perguntar onde estaria Iahweh.

Com o fim do Reino de Judá termina um ciclo na história de Israel. Agora os israelitas estavam sem rei, sem templo, sem dignidade e o que lhe restava era a memória de um Deus que lhe prometera fidelidade, terra, descendência e bênçãos. No exílio era preciso retomar essa memória e com a fidelidade dos profetas isso foi possível.

2.2. Nabucodonosor, rei da Babilônia

Uma das formas de conquista e dominação das potências no Antigo Oriente Médio era a deportação em massa dos habitantes subjugados, afirma Rossi⁴⁸. A Babilônia teve duas grandes dinastias na sua história, sendo a primeira liderada pelo rei Hamurábi (1728-1686 a. C)⁴⁹. Ele ficou conhecido como um dos primeiros legisladores, pois formulou o primeiro código de leis de que se tem notícia. Este legislava para “disciplinar os libertinos e os maus e ao mesmo tempo impedir que os fortes oprimissem os fracos”⁵⁰. A partir da expansão bélica do exército de Hamurábi, a Babilônia exerceu forte hegemonia sobre grande parte da Mesopotâmia.

A segunda dinastia inicia quando os caldeus se tornaram a superpotência mundial sob a liderança de um dos mais famosos reis, Nabucodonosor II, que governou entre os anos de 604 e 562⁵¹. Ele foi um grande construtor e guerreiro. Construiu na Babilônia edifícios e templos, sendo um dos mais importantes o templo dedicado a *Bel-Marduk*, o deus do Estado Babilônico. Ampliou a cidade da Babilônia e a tornou o centro do mundo em todo o Oriente Antigo.⁵² São atribuídas a ele “a restauração do Lago de Sippar, a abertura de um porto no

⁴⁷ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. V. II. p. 432.

⁴⁸ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Cativo da Babilônia: uma crise criativa. *Estudos Bíblicos*. n. 43. p. 41.

⁴⁹ HERRMANN, Siegfried. *História de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Ediciones síguime: S. A., 1985. p. 33.

⁵⁰ PEDRO, Antônio. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ed. Moderna, 1985. p. 45

⁵¹ Cf. CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 22.

⁵² DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. V.2. p. 414.

Golfo Pérsico e a construção da famosa muralha Meda, entre os rios Tigre e Eufrates, para proteger o país”, afirma Almeida Cunha⁵³. Como guerreiro, conquistou o corredor siro-palestinense que estava sob o domínio egípcio. Realizou três invasões em Judá, atingindo a capital Jerusalém, em 598/7, 587/6 e 582 deportando judeus para a Babilônia, dando início ao exílio de Israel (2 Rs 24 e 25). De acordo com o autor, o rei babilônico foi um homem de notável disposição humana. Em contraste com a dominação dos assírios, teve consideração com Jeremias e concedeu certa liberdade aos judeus exilados. Já S. Croatto⁵⁴ afirma que as práticas militares e políticas dos conquistadores assírios e babilônicos eram similares.

2.3. Contexto econômico e político da Babilônia

A economia e o poder político estavam nas mãos do Estado e dos templos, com uma pequena porção nas mãos das aldeias e de pessoas economicamente privilegiadas, conforme destaca Zabatiero⁵⁵. O domínio político e econômico acontecia por meio da força militar e da cobrança de impostos. Nessa região, predominava a agricultura, as terras eram férteis e produziam grandes colheitas. Além de cereais, tâmaras, lã, azeite e sésamo, objetos de cerâmica também eram amplamente fabricados⁵⁶.

O comércio era de grande importância e os babilônios tinham seu sistema monetário controlado por metais preciosos, como o ouro e a prata. Também eram feitos tratados comerciais e quem não os cumprisse era punido em nome dos deuses⁵⁷. O sistema imperial usava a religião para manter seu prestígio e poder, sendo que os comerciantes e o povo em geral deveriam fazer a vontade dos deuses, sob pena de severos castigos. O sistema era tributário, os camponeses pagavam impostos ao rei, os que arrendavam as terras pertencentes ao templo e ao Estado pagavam-lhes 1/7 da produção. Na cidade, o pagamento era efetuado em prata e, no campo, em produtos naturais (trigo, tâmaras, lã, gado...). O pagamento de impostos era feito também através de mão-de obra empregada nas construções de canais, na ceifa de erva e no transporte de pedras. Os que não conseguiam pagar altos tributos,

⁵³ Cf. CUNHA, Rogério de Almeida. *O servo solidário*. p. 59.

⁵⁴ CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p.22.

⁵⁵ ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. *Servos do Império. Estudos Bíblicos*. p. 38.

⁵⁶ NAKANOSE, Shigeyuki. PEDRO, Enilda de Paula. *O segundo Isaías (40-55): da semente esmagada brota nova vida*. p. 22e 23; GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 212.

⁵⁷ GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 210.

endividavam-se e acabavam vendendo seus bens ou tornavam-se escravos e escravas da elite babilônica.⁵⁸

Com a morte de Nabucodonosor II, o império babilônico entrou em declínio e os sucessores não conseguiam administrar e controlar a política interna como anteriormente. Cresciam as tensões entre os sacerdotes rivais que atuavam nos templos dos deuses principais, dividindo o controle social, visto que o poder religioso, através das divindades, em muitos casos, legitimava e sustentava o poder político. Na região do império babilônico era cultuado o deus *Marduk*; em Larsa, os deuses *Sippar Shamash* e, em Ur e Harã, *Nanhar Sin*, conforme afirma Donner⁵⁹.

Nabonid (556-539) foi o último rei da Babilônia e era filho de uma sacerdotisa de *Sin*, chamada Adda-Guppi⁶⁰. Seu filho, Belsazar, proibiu a realização do festival do Ano Novo⁶¹, festa prestigiada pelos adeptos do deus *Marduk*. Neste tempo de decadência imperial para a Babilônia, surge no cenário mundial Ciro, rei da Pérsia. Ele vai conquistar toda a região da Ásia Menor e apoderar-se das planícies a noroeste da Babilônia. Passa a ser considerado o ungido de Iahweh e é por meio dele que ocorrerá a salvação do povo do exílio.

Neste item demonstra que o poder político babilônico se manteve estável até a morte de Nabucodonosor depois, aos poucos, a política interna e externa foi se desmoronando. Uma das formas de manter o poderio político e econômico era através das cobrança de imposto, onde a economia se sobressaía graças à mão de obra escrava dos exilados no império.

2.4. Contexto social e religioso da Babilônia

A sociedade babilônica era constituída por nobres, que desfrutavam de todos os direitos e privilégios econômicos e políticos; por cidadãos comuns que eram empregados do Estado e dos templos; e também por escravos, afirma Zabatiero⁶². Os motivos que levaram à escravidão eram as dívidas, doações às divindades dos templos bem como a venda de adolescentes: as mulheres para serem concubinas e os homens aptos para as guerras⁶³.

⁵⁸ GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 214; NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *O segundo Isaías (40-55): da semente esmagada brota nova vida*. p. 23.

⁵⁹ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 415.

⁶⁰ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 415.

⁶¹ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 418.

⁶² ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Servos do Império. *Estudos Bíblicos*. n. 18, p. 38.

⁶³ GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El "Siervo" em Isaías y la "continuidad del des-poder"*. Buenos Aires: Lúmen-Isedet. p. 275-295, 2000. p. 282 e 284

A Babilônia era uma sociedade acentuadamente escravocrata, sendo os seus escravos majoritariamente constituídos por prisioneiros endividados. A população escrava ocupava-se da agricultura e do artesanato, tinha a cabeça raspada e usava um sinal no corpo, como uma tatuagem, para ser facilmente identificada. Não existia nenhuma lei que protegesse os escravos, só nos casos em que o seu proprietário fosse prejudicado, como salienta Grimberg⁶⁴. No entanto, escravos podiam casar-se com pessoas livres, possuir seus próprios bens e tinham ainda a possibilidade de fazer negócio e prosperar economicamente, possuindo contraditoriamente, seus próprios escravos.⁶⁵ Na sociedade, a mulher babilônica ocupava seu espaço no comércio, na indústria e na agricultura tendo seu próprio capital. Muitas vezes, exercia as funções de escriba, de sacerdotisa e de profetisa, afirma Grimberg⁶⁶.

A Babilônia possuía mais de três mil divindades, conforme pesquisa de Grimberg,⁶⁷ sendo que os principais eram: *Anu*, o deus principal, senhor do céu, sua esposa era *Istar*, a mais célebre deusa, era a deusa do amor físico, da fecundidade e da guerra, nas suas festas realizam-se danças selvagens, mutilações voluntárias, etc.; *Enlil*, o deus da terra, mandou o dilúvio para a humanidade, sua esposa, *Ninlil*, era a grande mãe protetora da humanidade: a ela pedem-se favores. O deus das águas, o *Ea*, era o grande inventor da escrita. Ele era o grande amigo da humanidade, foi ele quem salvou *Ziusutra* do dilúvio.

No panteão das divindades babilônicas, surge *Marduk* ou *Bel*, que derrubou os deuses *Anu* e *Enlil* e tornou-se o senhor do céu e da terra, ajudou os pobres e os miseráveis; os babilônios o celebram como o deus da criação, conforme o poema babilônio da criação: “*Marduk, ao ouvir o que diziam os deuses, sente vontade de formar algo engenhoso. ‘quero coagular o sangue e fazer do osso um ser’...*”⁶⁸. Ele ganha prestígio na mesma proporção em que a cidade da Babilônia vai crescendo. À medida que o poder religioso crescia com *Marduk*, o poder político e ideológico, atrelado à religiosidade, também se fortalecia consideravelmente.

Seguindo a análise de Grimberg⁶⁹, os babilônios acreditavam que o ser humano estava a serviço dos deuses. Para eles, os deuses haviam criado a mulher e o homem através da mistura do sangue de um deus morto e da argila. O ser humano foi criado para servir aos

⁶⁴ GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 215.

⁶⁵ ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Servos do Império. *Estudos Bíblicos*. n 18. p. 38. VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológico, 2003. p.111.

⁶⁶ GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 214 e 215.

⁶⁷ GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 217.

⁶⁸ A CRIAÇÃO E O DILÚVIO: segundo os textos do Oriente Médio. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 41.

⁶⁹ GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 233.

deuses em seus santuários⁷⁰. Os deuses se revelavam quando os sacerdotes e sacerdotisas lhes suplicavam. Juntamente com esses deuses, proliferavam os mitos da criação do mundo, do ser humano, do dilúvio e de monstros primitivos: dragão, mar, abismo, *tiamate*⁷¹. Ir contra os interesses econômicos, políticos e ideológicos dos grupos dominantes era tido como ir contra os deuses. Através dos mitos babilônicos, reforçava-se a vontade das deusas e dos deuses, mantendo assim o sistema de exploração e opressão. As deusas eram veneradas com a mesma intensidade que os deuses. Elas eram consideradas mães, criadoras da humanidade, mulheres fecundas e possuidoras de poder sobre a vida e a morte⁷².

Do que se expôs, pode-se concluir que a religião babilônica constituía-se como uma religião politeísta, enquanto Israel tinha a experiência da monolatria, pois cultuava Iahweh como seu único Deus, porém não negava a existência de outros deuses. As inúmeras divindades serviam para legitimar o domínio e a exploração do grande império. Iniciou-se, então, para os exilados, uma reflexão para resgatar quem era o Deus de Israel.

É possível afirmar, ainda, que alguns exilados puderam circular livres nos acampamentos, plantar para seu próprio consumo, casar, adquirir seus bens e ter seu próprio negócio (Jr 29,4-7), outros foram subjugados aos seus senhores como escravos, os homens servindo nas guerras e as mulheres como concubinas.

2.5. Condições de vida no exílio da Babilônia

Anthony Ceresko⁷³ afirma que, ao chegarem à Babilônia, os exilados foram assentados em colônias, provavelmente em áreas isoladas ou abandonadas, que necessitavam de reconstrução e desenvolvimento. Para alguns estudiosos os exilados não foram considerados escravos, mas viviam como súditos, outros, opinam que os exilados viviam em situação de pobreza e opressão, como prisioneiros, reféns de guerra e deveriam trabalhar nas obras públicas, ou, então, eram vendidos como escravos a senhores particulares, conforme explicam Gruen e S. Croatto⁷⁴. As famílias mantinham o espírito nacionalista, cultivando a

⁷⁰ A CRIAÇÃO E O DILÚVIO. p. 19

⁷¹ Esta afirmação também pode ser encontrada em WIÉNER, Claude. *O profeta do novo êxodo: Dêutero-Isaías*. São Paulo: Paulinas. 1980. (Cadernos Bíblicos).. p.32 e 33.

⁷² Cf. a história da mitologia babilônica nos textos de GRIMBERG, Carl. *História universal*. p. 217 e 218.

⁷³ CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 234.

⁷⁴ GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje*. p. 150; CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 59.

esperança de retornar a Jerusalém. A presença do rei Joaquin no exílio contribuiu para alimentar esse sonho, 2RS 25,27-30. O Antigo Testamento nomeia algumas colônias, porém, apenas uma é localizável, chamada de Tel Abib, situada no canal de Cobar em Nippur, (Ez 3,15)⁷⁵. As outras, sem localização específica, são citadas nos livros de Esdras e Neemias (Esd 2,59; Ne 7,61). Nas colônias, era permitido que as pessoas permanecessem organizadas em famílias, mantendo viva a sua descendência, construindo as próprias casas e cultivando suas plantações (Jr 29).

Os que viviam às margens dos rios Eufrates e Tigre dedicavam-se à agricultura e à construção de canais de circulação dos rios, através de vastas áreas para irrigar os campos.⁷⁶ Pagavam tributos aos babilônios através da produção agrícola. Percebe-se que alguns cresciam economicamente e podiam transitar livremente pelos acampamentos. Outros, porém, trabalhavam com a mão-de-obra escrava na agricultura e nas obras públicas. Havia grupos de exilados que sentiam saudades da pátria, do culto em Jerusalém (Sl 137) e carregavam no seu interior essa dor até a segunda geração. Sentiam-se perdidos e pensavam que Iahweh os tivesse abandonado, caracterizando um tempo de desânimo, sem rumo, sem fé e sem esperança. Questionavam-se, também, como enfrentar o poder babilônico, pois Iahweh, aparentemente, havia sido vencido pelos seus deuses⁷⁷.

Longe de Jerusalém, com o templo destruído e sujeitos a outra cultura e religião, os exilados se perguntavam: "como viver e sobreviver à própria fé em Iahweh?". Para os exilados, a Babilônia era um país estranho e impuro, de inúmeras divindades e, os exilados não podiam venerar Iahweh através de sacrifícios, como em Jerusalém. Mas encontraram uma alternativa diferente: venerá-lo por meio do culto da Palavra. É provável que os israelitas tenham começado a celebrá-lo em improvisadas sinagogas e, para viver a identidade judaica, mantinham firmes, como sinais da aliança entre Iahweh e o seu povo, a prática da circuncisão e o repouso no sábado⁷⁸.

Diante das divindades e dos vários mitos, o povo do exílio teve que reconstruir sua história de fé a partir da desconstrução de mitos babilônicos e de sua reinterpretação. Gruen⁷⁹

⁷⁵ MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigeyuki. O senhor terá compaixão: uma leitura de Isaías 55,1-11. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n 89, p. 60-69, 2006. p. 65. ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto. Os profetas e a luta do povo. p. 48. Cf. Ez 3,15.

⁷⁶ GRIMBERG, Carl *História universal*. p. 157.

⁷⁷ NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *O segundo Isaías (40-55)*. p. 16; DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. V.2. p. 437; MESTERS, C. *A missão do povo que sofre*. p. 186 e 188.

⁷⁸ SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 29; DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. V.2. p. 437.

⁷⁹ GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama Hoje*. p. 150.

assinala que, para eles, Iahweh era o único Deus, o que criou a humanidade, a natureza e os animais; era o Senhor do céu e da terra, que fez aliança com o ser humano, pondo fim ao dilúvio e devolvendo a dignidade ao escravo e ao estrangeiro.

Os grupos de exilados que conseguem viver em colônias têm como objetivo resistir ao sistema babilônico e não se deixar absorver por ele. Podemos defini-los como “servos”, mas não no sentido de serem escravos, mas por viverem numa terra estranha e não se sentirem totalmente livres. Em pleno exílio, eles retomam a memória de seus antepassados, cultivando seus costumes, como o rito da circuncisão e a interrupção do trabalho no sábado, bem como as práticas de suas crenças em Iahweh libertador, através do culto da Palavra.

2.6. Atuação profética no exílio babilônico

No exílio fluiu fortemente a produção literária, como conclui Pixley⁸⁰. Nesses tempos foram escritos, também, os oráculos dos profetas Ezequiel (Ez 13, 25, 37) e Dêutero-Isaías, que foram os animadores da fé do povo desde a primeira geração de exilados. No capítulo anterior, no item 1.2 relatei a atuação do profeta Dêutero-Isaías. Agora, seguem algumas informações sobre o profeta Ezequiel, que atuou no início do exílio babilônico. Ele foi o primeiro profeta israelita a atuar fora da Palestina, fazendo parte da primeira geração de exilados, como analisa Milton Schwantes⁸¹. Esse profeta fez uma descoberta fundamental: Iahweh está presente entre os exilados. Iahweh também experimentou o exílio. Isso trouxe consolo e ânimo aos exilados. O programa do profeta era restaurar o reino davídico-salâmônico e restabelecer a unidade de Israel (Ez 34,17-31; 37,15-28; 40-48)⁸². Ezequiel tem um projeto de reconstrução de Jerusalém/Judá (Ez 33-48). O capítulo 37 serve de referencial. Israel será recriado⁸³. Iahweh quer uma nova criação, um novo indivíduo e uma nova comunidade. A tarefa de reconstrução anunciada pelo profeta tem por finalidade o arrependimento e a conversão das pessoas. Desta maneira estes novos indivíduos estarão preparados para participarem desta reconstrução (Ez 3,17-21; 14,1-11; 22,1-16; 33,1-9). Nela o povo reviverá suas tradições fundamentadas na família e na aliança com Iahweh⁸⁴.

⁸⁰ PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. p. 84.

⁸¹ SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 75 e 89.

⁸² DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. p. 438 e 439.

⁸³ SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. p. 81.

⁸⁴ CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 242 e 243.

No contexto de final de exílio, alguns exilados e exiladas, embora permanecendo servos do império, tiveram a possibilidade de obter fortunas e se estabilizaram na Babilônia. Talvez por essa razão não tiveram interesse de voltar a Jerusalém. Outros grupos não tiveram tanto êxito e mantiveram, no anonimato, suas idéias e sonhos de retorno à Terra Prometida. Nesse grupo poderão ser incluídos os cantores e profetas citados no capítulo anterior, item 1.2 pois eles mantinham a fé e a esperança nas promessas de Iahweh, acreditavam que Ele venceria os deuses babilônicos. Deus não os abandona e anuncia que vem consolar o seu povo (Is 40,1s); vem ao encontro dos oprimidos e sedentos (Is 40,17) e anuncia aos exilados e exiladas: “saí da Babilônia, fugi dos caldeus” (Is 48,20). Qual seria a razão para o profeta ser anônimo a partir deste contexto, fato descrito nos capítulos (40-55)? Será que ele e seu movimento profético temiam repressões e perseguições, por parte do sistema político e ideológico vigente? Iahweh reaparece com força no cotidiano da vida, porém sua força salvadora não se expressa mais em Ciro, rei da Pérsia, mas no “Servo de Iahweh”.

Depois de conhecer um pouco da realidade onde viviam as exiladas e os exilados na Babilônia, segue-se, no próximo capítulo, a exegese da perícopes de Is 49,1-6.

3. Exegese de Is 49,1-6

Neste capítulo analisarei o texto de Is 49,1-6. O Dêutero-Isaías transmite uma mensagem de consolo e de esperança para Israel e Iahweh é o Deus que revela sua salvação e o faz por meio de seu servo. Nesta pesquisa indago: Quem é o servo? Qual é sua missão, no contexto de final de exílio? Como ele se sente para realizar o chamado de Iahweh? Essa revelação que vem de Iahweh é para todos os israelitas da diáspora? É para os povos não-israelitas? Em que consiste ser luz das nações? O que significa ser chamado desde as entranhas, útero, ventre materno? Como crer em uma libertação que vem do servo, exilado na Babilônia? Como crer em Iahweh, que foi derrotado por outros deuses, que legitimavam a opressão? Para aprofundar esta pesquisa contamos com as contribuições de autores e autoras da exegese bíblica.

3.1. Texto Masorético⁸⁵:

1 שָׁמְעוּ אַיִם אֱלֹהִים וְהִקְשִׁיבוּ לְאָמִים
מִרְחוֹק יְהוָה מִבֶּטֶן קָרָאֲנִי מִמַּעַי אָמִי הַזְכִּיר שְׁמִי:

2 וַיִּשָּׂם פִּי כִּחְרֹב חֲדָה בְּצֶל יְדֵי הַחֲבִיאֲנִי
וַיִּשְׁמְנֵי לְחֵץ בְּרוּר בְּאִשְׁפָּתוֹ הַסְתִּירָנִי:

3 וַיֹּאמֶר לִי עַבְדֵּי־אֲתָהּ יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר־בָּךְ אֲחַפְּאֵר:

4 וְאֲנִי אֲמַרְתִּי לְרִיק יִנְעַתִּי לְחַהּוֹ וְהִבֵּל כַּחֲ
כִלְיָתִי אֲכֹן מִשְׁפָּטִי אֲחִי־יְהוָה וּפְעֻלָּתִי אֲתִּיאֲלֹהִי:

5 וַעֲתָה אֲמַר יְהוָה יִצְרֵי מִבֶּטֶן לְעַבְדִּי לֹא לְשׁוֹבֵב
יַעֲקֹב אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל לֹא יֶאֱסֹף וְאֶכְבֹּד
בְּעֵינֵי יְהוָה וְאֱלֹהֵי הָיָה עֵזִי:

6 וַיֹּאמֶר נָקַל מִדְּיוֹחַדִּי לִי עֶבֶד לְהִקִּים אֲחִי־שְׁבָטִי
יַעֲקֹב וַנִּצְיָרֵי יִשְׂרָאֵל לְהָשִׁיב וּנְחַתִּידֵךְ
לְאוּר נֹיִם לְהִיּוֹת יִשׁוּעָתִי עַד־קִצֵּה הָאָרֶץ:

⁸⁵ Cf. Bíblia Hebraica *Stuttgartensia*. Bíblia Hebraica.Stuttgartensia. 4ª edição. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

3.2. Tradução do Hebraico

Nesta tradução procuro ser fiel ao texto hebraico e, no decorrer deste estudo aprofundo alguns termos que compõem esta perícopes.

1 Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção!

Desde o útero Iahweh me chamou, desde as entranhas de minha mãe lembrou o meu nome.

2 Fez a minha boca espada afiada, na sombra de sua mão escondeu-me.

Fez de mim uma flecha pontiaguda e ocultou-me em sua aljava.

3 Disse-me: “tu és meu servo, (Israel),⁸⁶ em ti me glorificarei.”

*4 Eu disse: “Cansei-me em vão, vazio e para nada gastei minhas forças”,
na verdade meu direito está com Iahweh, meu salário está com meu Deus.*

*5 Mas agora disse Iahweh, aquele que me modelou desde o útero para ser seu servo,
para reconduzir Jacó a ele,*

*para que a ele se reúna Israel, serei glorificado aos olhos de Iahweh, meu Deus
será a minha força.*

6 Ele disse: É pouco que sejas para mim um servo,

para pôr de pé as tribos de Jacó e reconduzir os descendentes de Israel.

Também te estabeleci como luz das nações,

para acontecer a minha salvação até o extremo da terra.

3.3. Delimitação de Is 49, 1-6

Esta perícopes é considerada o “segundo cântico do servo” e muito se tem falado sobre os “cânticos”, inclusive sobre a sua delimitação. Segundo Duhm, citado por Alonso Schökel e Sicre, em Is 40-55 há quatro cânticos do “Servo de Iahweh” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-

⁸⁶ O termo “Israel” falta em um manuscrito hebraico e é tido, por muitos exegetas, como glosa, inserida secundariamente no v. 3 a partir de outros contextos de Dêutero-Isaías. A favor da hipótese da glosa depõe o fato de que o servo dificilmente poder ser identificado com todo o povo de Israel, pois, para o v.6, “Israel” é objeto da atuação do próprio servo. Mais adiante retomamos o assunto.

9; 52,13-53,12). Para esse autor, os “cânticos” nada têm a ver com o seu contexto literário, nem foram escritos pelo Dêutero-Isaías⁸⁷.

Alguns autores concordam com Duhm, outros entendem que os primeiros cânticos teriam um número maior de versículos. Outros, ainda, alimentam a controvérsia, não admitindo a existência dos quatro “cânticos”⁸⁸. Is 49,1-6, é considerado o segundo cântico, mas há autores que delimitam esse canto de forma diferente: 49,1-7; 49,1-9a ; 49,1-11; 49,1-13⁸⁹.

Como se percebe, há uma diversidade de opiniões sobre a delimitação deste segundo “cântico”. Defendo a seguir a delimitação do texto Is 49,1-6, passando a analisar o contexto anterior e posterior à perícópe. Em Is 48,20-22:

v.20 Saí da Babilônia, fugi do meio dos caldeus, com voz de júbilo anunciai, proclamai isto, espalhai-o até os confins da terra. Dizei: Iahweh redimiu seu servo Jacó. v. 21 Ele não tiveram sede quando os conduziu pelo deserto, por que fez brotar água da rocha para seu uso, fendeu a rocha e a água jorrou. v.22 Mas para os maus não há paz, diz Iahweh.

Analisando esta perícópe, pode-se dizer que Iahweh é o sujeito que fala aos destinatários, que são os israelitas exilados na Babilônia, ele os chama a fugir dos caldeus. O gênero literário é um oráculo de salvação da ação jubilosa de Iahweh para com seu povo. No v.20 o servo é Jacó e, no texto Is 49,5-6, Jacó aparece na terceira pessoa, portanto ele não é o servo. Conforme alguns autores, o v. 22 deve ser considerado em separado⁹⁰.

Em Is 49,7 :

Assim diz Iahweh, o redentor, o Santo de Israel àquele cuja alma é desprezada, vilipendiada⁹¹ pela nação, ao servo dos tiranos: Reis o verão e se erguerão, príncipes o verão e se prostrarão por causa de Iahweh, que é fiel, do Santo de Israel, que te escolheu.

⁸⁷ A teoria sobre os quatro cânticos foi divulgada pela primeira vez por Bernardo Duhm: *Das Buch Jesaja*, 1892. Para este autor a autoria dos cânticos é pós-exílica, escritos na época persa. Cf. ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 277. Cf. também SILVA, Valmor da. Leitura do primeiro canto do Servo do Senhor, segundo Is 42,1-7. Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, p. 44-59, 2006. p. 45.

⁸⁸ ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I*. p. 277. Estes autores apresentam pesquisas e opiniões de exegetas sobre a delimitação dos cânticos do servo, p. 276-279.

⁸⁹ ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I*. p. 277

⁹⁰ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 322; CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra Profética e sua releitura hermenêutica. Vol.II. p. 196

⁹¹ Tradução de acordo com a Septuaginta.

O v.7 marca o início de um novo discurso e novos personagens aparecem. Iahweh é o redentor e, por causa dele, reis e príncipes se prostrarão diante do servo. Iahweh é o protagonista, pois ele é Santo e Fiel. É um oráculo de promessa do que irá acontecer entre o servo e os seus tiranos. Para Alonso Schökel e Sicre, “prosegue o assunto anterior, explicando o paradoxo do sofrimento no desígnio de Deus”⁹². Já S. Croatto⁹³ separa o v.7 dos vs. 1-6. Para ele o v.7 “é um oráculo de promessa de salvação”. Portanto, Is 49,1-6 é um discurso poético com gênero literário autobiográfico⁹⁴ que forma uma unidade, iniciando com um vocativo, novos personagens e novo lugar: “Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção!” (v.1). Iahweh quer a redenção de todos os povos; o lugar do anúncio e da salvação não é só a Babilônia, mas alcança o extremo da terra, (v.6).

Ao término desta perícopes, Iahweh fala pela boca do profeta, seu servo. Nesse final, acontece um diálogo entre o servo, as nações e Iahweh. O v.6 seria uma resposta conclusiva do v.1 pois, pela boca do servo de Iahweh, ele chama as ilhas e diz que a salvação chegará até elas.

3.4. Elementos que compõem o texto

Nesta perícopes aparecem palavras repetidas como: יהוה (Iahweh), quatro vezes (vv.1.4. 5); מבטן (desde o útero), duas vezes (vv.1. 5); עבד (servo), três vezes (vv.3. 5. 6); o verbo dizer אמר (dizer), quatro vezes, no v. 3 Deus “disse-me”, ויאמר לי; v. 5 “disse Iahweh אמר יהוה לי” e v. 6. “Ele disse”, ויאמר, nestes vv. o profeta inclui no seu próprio discurso o que diz Iahweh e no v. 4 אמרתי “Eu disse” o profeta fala em primeira pessoa; o verbo שים (traduzido por fazer), duas vezes no v. 2 יָשָׁם (fez) e וְיָשִׁימֵנִי (fez-me); os nomes: Israel יִשְׂרָאֵל (Israel), três vezes vv. 3. 5. 6; Jacó יַעֲקֹב (Jacó) duas vezes vv. 5. 6; e por duas vezes se faz referência à divindade, אלהי vv.4.5. Certas repetições podem ocorrer por que o autor do texto, talvez, queira dar ênfase a fatos que julga importantes no seu contexto vital.

Encontramos, também, uma diversidade de relações entre o servo e Ilhas/povos distantes/nações/extremo da terra, servo e Iahweh, Iahweh e Israel/Jacó, servo e a

⁹² ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 325.

⁹³ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 206

⁹⁴ SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. In: DREHER, Carlos A. et al. (Org.) *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p.258-272. p. 266.

mãe/Iahweh, servo e Israel/Jacó. Há uma variedade de verbos e de substantivos seguidos de sufixo na primeira pessoa, às vezes relativos ao servo e outras vezes a Deus: v.1 קָרָאֲנִי (me chamou), אִמִּי (minha mãe), שְׁמִי (meu nome); v.2 הִחְבֵּי־אֲנִי (escondeu-me), וַיַּשִּׂימֵנִי (fez de mim), פִּי (minha boca), הִסְתִּירֵנִי (ocultou-me); v.3 עַבְדִּי (meu servo), v.4 פְּעֻלָּתִי (meu salário), מִשְׁפָּטִי (meu direito), אֱלֹהֵי (meu Deus) v.5 יִצְרֵי (me modelou), אֱלֹהֵי (meu Deus), עֹזִי (minha força). Estas relações se estabelecem especialmente entre o servo e Iahweh. Há, entre eles, um sentimento de confiança. Vejamos alguns tópicos: a) no v.1 o profeta anônimo fala às ilhas aos povos distantes, porém este alguém não está só. Ele está acompanhado por Iahweh desde útero materno; b) no v.2 o servo descreve a si mesmo como protegido por Deus, recebendo Dele instrumentos para comunicar algo aos ouvintes; c) no v. 3 o servo é designado como o “Servo de Iahweh”; d) no v.4 o profeta está cansado e sem forças, mas mesmo assim encontra salvação em Iahweh; e) no v.5 os verbos modelar/reconduzir/reunir significam que Iahweh confia uma missão ao seu escolhido. Os nomes Jacó e Israel aludem ao povo israelita; f) no v.6 o servo segue citando a palavra de Iahweh que diz “é pouco que sejas um servo”. Ele proclama que além da missão de “pôr de pé Jacó/reconduzir Israel”, Iahweh o constituiu para ser luz das nações a fim de que aconteça a salvação até o extremo da terra. A sintonia entre Iahweh e o servo demonstra um chamado vocacional que se inicia no útero materno. A vocação do profeta é comunicar até o extremo da terra a ação salvífica de Iahweh. Essa missão é realizada por meio da Palavra. A mensagem do servo chega até as ilhas, aos povos distantes, ao extremo da terra graças à proteção e eleição que o servo recebe de Iahweh. Por isso, a presença divina é mencionada 6 vezes na perícopes.

O poema também é constituído de palavras sinônimas, e nas palavras do biblista Valmor da Silva, “a característica mais saliente no poema é o paralelismo que consiste em repetir o pensamento aos pares, ora ampliando, ora contradizendo, ora sintetizando o pensamento de uma frase com outra”⁹⁵. Estes elementos compõem o texto e proporcionam-lhe uma forma poética à mensagem.

⁹⁵ SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. p. 267 Cf. Artigo muito bem elaborado sobre o “segundo cântico” do “Servo de Iahweh”. O autor descreve que há sinônimos em oposições distantes, como “ilhas” e “povos de longe”, “nações” e “extremidade da terra”, “do seio chamou-me” e “me modelou do seio”, “gloriar-se” e “glorificar-se”, “força” e “vigor”. p. 267.

3.5. A vida dos pobres é luz para o mundo

Os exilados vivem sob o domínio político, social e religioso de um império que pode a qualquer instante reprimir um levante popular. É provável que este seja um dos motivos por que o profeta de Is 40-55 mantém-se no anonimato. Apesar das queixas do profeta e das dificuldades vivenciadas pelo servo, mas também de confiança em Deus e resistência, ele recebe uma missão de ser luz para o mundo.

3.5.1 A vocação profética do servo vem desde o útero materno

1 Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção! Desde o útero Iahweh me chamou, desde as entranhas de minha mãe lembrou o meu nome.

Neste versículo é o próprio servo que fala, como nos relatos de vocação profética (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós)⁹⁶. O verbo שמעו (ouvi) está no imperativo designando uma convocação para quem está disperso no Império Babilônico. Logo segue o verbo הקשיבו (prestai atenção) que está no hifil imperativo. É uma expressão que reforça a convocação anterior. Não basta somente ouvir, tem que prestar atenção, pois muitas coisas irão acontecer.

O profeta insiste em ser ouvido, que prestem atenção em sua mensagem. O verbo שמע (ouvir) tem conotação de ações concretas: ouvir, escutar, obedecer e, também, no sentido de entender, conforme Harris e Larcher⁹⁷. O servo fala a partir do exílio, convoca a quem está disperso pelo império a prestar atenção em suas palavras. Para alguns autores, os ouvintes são os povos distantes, constituindo, então, um chamado para os povos não-israelitas. O cenário é dado em âmbito universal, pois até as ilhas remotas e desconhecidas são convocadas ao chamado do servo, afirma Von Rad⁹⁸. Algo importante está para ser revelado aos exilados e exiladas na Babilônia e na Diáspora. Segundo Croatto, o servo é alguém não identificado, que fala de si mesmo e pede para ser escutado. Para este autor, as ilhas não são os povos pagãos,

⁹⁶ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 324. ALONSO SCHÖKEL, Luis.; MATEOS, Juan. *Isaías*. p. 235. NÚÑEZ REGODÓN, Jacinto. *El universalismo dos Cantos del Siervo*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas. p. 67-76,1984. p. 72.

⁹⁷ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo testamento*. p. 1586. MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigeyuki. O senhor terá compaixão: uma leitura de Isaías 55,1-11. *Estudos Bíblicos*. n. 89. p. 63.

⁹⁸ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1974. Vol. II. p. 243. Cf. ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 324.

mas grupos de israelitas emigrados na outra extremidade do império caldeu, pois não se evidencia sinal de conversão aos povos não-israelitas⁹⁹.

O servo é aquela pessoa chamada desde o útero da mãe e o verbo chamar, cuja raiz, em hebraico é קרא (chamar) tem por finalidade chamar alguém, mencionar seu nome¹⁰⁰. Em Is 42,6, Iahweh chama o servo para o serviço da justiça, de acordo com o plano salvífico de Deus. Em Is 45,3-4 o verbo refere-se a Ciro, o rei dos persas, cujo chamado é feito pelo Deus de Israel e não por outro. Iahweh chama para que sejam instrumentos de sua intervenção na história. No v.1, os verbos קרא (chamar) e זכר (lembrar), no hifil pretérito הִזְכִּיר (ele fez lembrar) o nome, parecem ser tomados dos hinos (Is 42,6; 45,3-4; 48,12) e inscrições reais¹⁰¹, as quais aludem à eleição divina de um rei. Eles se referem à proteção e eleição divina: Jr 1,5; Nm 11,25.29; Jz 6,34¹⁰². Nesta perícopa, estes verbos parecem demonstrar que Iahweh, de fato, conhece o servo desde as suas origens¹⁰³.

Neste poema, Is 49,1-6, aparece duas vezes o substantivo בֶּטֶן (útero). Ao analisar a palavra בֶּטֶן de origem semita, encontra-se uma amplitude de sentidos. Seus significados são: ventre, útero, abdômen, entranhas, barriga, vísceras, seio, estômago,¹⁰⁴ baixo ventre do homem (Jz 3,2ss), órgãos de reprodução (Gn 25,24).¹⁰⁵ O substantivo בֶּטֶן aparece no AT mais de 70 vezes.¹⁰⁶ O útero está ligado ao interior da pessoa, seus sentimentos e desejos.¹⁰⁷ O termo בֶּטֶן tem como palavra paralela רֶחֶם que é a sede de fortes movimentos emocionais. Significa regaço, seio materno, útero.¹⁰⁸ Os exilados e as exiladas sabiam, de acordo com a concepção de fé de Israel, que o útero, ventre materno pertencia a Deus, pois ele é o seu Criador¹⁰⁹. Sendo assim, o servo, desde o útero da mãe, pertence a Iahweh, e não aos outros deuses¹¹⁰. A origem do chamado está em Deus e não nos ídolos. A referência "chamar desde o

⁹⁹ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. 40-55. p. 69.

¹⁰⁰ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento*. p.. 1365.

¹⁰¹ Como exemplo de texto oriental de auto-apresentação de um rei, cf. *ISRAEL E JUDÁ: textos do Antigo Oriente Médio*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 91.

¹⁰² CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 202

¹⁰³ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 131.

¹⁰⁴ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. . 236. ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 98.

¹⁰⁵ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975. p. 94.

¹⁰⁶ MANDELKERN, Solomon. *Concordantiae Hebraicae Atque Chaldaicae*. Tel Aviv: Sumptibus Schocken Hierosolymis, 1978. p. 186/187.

¹⁰⁷ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 236. SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 95.

¹⁰⁸ SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. p. 96

¹⁰⁹ SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. p. 96

¹¹⁰ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. 40-55. p. 119.

ventre materno" pode estar ligada a uma contraposição aos deuses e às deusas, que chamavam seus reis desde as entranhas.¹¹¹ Iahweh é o Deus que chama para a libertação e não para a opressão.

Desde as origens de sua história, Israel é chamado por Deus; e em Dêutero-Isaías encontra-se mais uma vez em contexto de opressão e dominação. Os exilados e as exiladas fazem memória da intervenção libertadora de Deus em sua história. Assim como chamou Moisés, Míriam, os profetas e as profetisas, ele continua a chamar homens e mulheres, servos e servas para serem portadores de sua mensagem.

Há uma relação forte de afetividade e intimidade entre o servo, Iahweh e a mulher geradora. A quem representaria esta mulher? As mães israelitas exiladas, as escravas, ou as concubinas? Onde estariam estas mulheres? Nos palácios, nas grandes casas, nos templos, nas colônias agrícolas?¹¹² Deus chama o servo desde as entranhas de sua mãe. O útero é um órgão feminino, onde o ser humano é gerado e nutrido. É neste espaço que se experimenta as primeiras sensações e relações com o mundo exterior. Neste v.1 o servo é chamado desde o útero de sua mãe. Ser chamado desde o útero também é uma metáfora ligada às origens de Israel, evoca gestação da nova vida e a esperança de renovação, conforme argumenta Silva¹¹³. Ele sabe que Iahweh o escolheu como povo eleito. Ao enfatizar por duas vezes o substantivo útero nos v.v. 1 e 5, talvez o profeta queira retomar a memória desta eleição e, sendo assim, Iahweh o chama para ser seu servo, e, conseqüentemente, a uma missão, ser luz para todos.

3.5.2 A proteção de Iahweh aumenta as forças do servo

2 Fez a minha boca espada afiada, na sombra de sua mão escondeu-me. Fez de mim uma flecha pontiaguda e ocultou-me em sua aljava.

Neste versículo aparecem duas metáforas que aludem a um servo guerreiro: a espada afiada e a flecha pontiaguda, porém sem ênfase de usá-los como prática de violência militar, e sim de resistência, conforme salienta Valmor da Silva¹¹⁴. A espada afiada sai da boca, indicando a fala, significando palavra que chega até às costas mais distantes¹¹⁵. Não é só a boca que anuncia a palavra, mas todo o seu corpo é comunicação da ação de Deus. Neste caso

¹¹¹ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 236.

¹¹² GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El "Siervo" en Isaías y la "continuidad del des-poder"*. p. 288.

¹¹³ SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. p. 269.

¹¹⁴ SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. p. 268.

¹¹⁵ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 324.

a flecha pontiaguda pode referir-se ao seu ser guerreiro. Todo o ser do servo é instrumento da ação de Deus. Nesta perícopes sobressai a boca como forma de anunciar à mensagem.

A boca é um órgão do corpo composto de lábios, língua, dentes e palato, que juntos transmitem a palavra de Deus¹¹⁶. Os versos paralelos introduzem a metáfora aljava/sombra da mão, aludindo a proteção e reserva, juntamente com os verbos **חבא** (esconder) e **סתר** (ocultar)¹¹⁷. A palavra de Deus é cortante e fiel e o profeta fala em nome de Deus, não por si mesmo, pois Deus o protege e o esconde em momentos de perigo. É com a boca que se transmite o poder da ação, o que sai dela poderá salvar ou condenar. Os profetas e profetisas eram portadores e portadoras da palavra de uma divindade. Através de suas mensagens poderiam legitimar ou denunciar um sistema político de governos tiranos. Segundo L. Garmus,¹¹⁸ os exilados e exiladas tinham o poder de interferir na esfera política e ideológica do sistema dominante babilônico, portanto, mesmo no anonimato, representavam a voz profética de Iahweh no exílio. Iahweh protege o servo na sombra de sua mão e na sua aljava. Deus é o criador do cosmo, da vida e do ser humano. Na sombra de sua mão, ele cuida de toda a sua criação, esconde o servo, para que ele restabeleça suas forças¹¹⁹. O servo é um guerreiro fragilizado, necessitado de proteção e abrigo. Qual seria o objetivo destes instrumentos do servo? Com que finalidade ele os utilizaria? Para desmascarar a Babilônia? Para denunciar os deuses babilônicos que legitimam o poder opressor? Segundo Alonso Schökel e Sicre,¹²⁰ a expressão a “espada cortante” é para atingir a Babilônia e as flechas são usadas para levar a mensagem de Iahweh às costas mais distantes. Para J. Steinmann,¹²¹ estas imagens podem designar o grupo dos exilados e exiladas que desejam constituir um novo Israel longe da Babilônia.

3.5.3. “Tu és meu servo, Israel”

3 Disse-me: “tu és meu servo, Israel, em ti me glorificarei.”

Em seu discurso o servo insere uma fala de Iahweh, que diz “tu és meu servo Israel”. Aparece pela primeira vez o substantivo “servo”, referindo-se ao “Servo de Iahweh”.

¹¹⁶ SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. p. 179.

¹¹⁷ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. 40-55. p. 202

¹¹⁸ GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40-55. *Estudos Bíblicos*. n. 89, p. 41.

¹¹⁹ SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. p. 223.

¹²⁰ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 324.

¹²¹ STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 178.

Do versículo três até o versículo 6, inicia-se um diálogo entre o servo e Iahweh e, aqui, o servo é um ser glorificado. Qual a intenção de Deus ao glorificar o servo, antes que ele cumpra a sua missão?¹²² Esse gesto de Iahweh aparece em Is 44,23b: “Iahweh resgatou Jacó e se glorificou em Israel”. Iahweh coloca-se ao lado dos exilados e exiladas. Em quem eles e elas encontrariam proteção e salvação? Poderiam os deuses do império gloriar-se com o povo oprimido e exilado? Perante os outros povos Iahweh era um Deus vencido “os anais assírios ou babilônicos mostravam amiúde como deportados de seus próprios países para o centro do império da vez”¹²³. A imposição cultural babilônica determinava que os exilados aderissem aos deuses babilônicos. Porém no exílio Iahweh demonstra seu esplendor aos exilados. Na tradição mesopotâmica o esplendor é um atributo real, símbolo da força e da proximidade ao divino, conforme S. Croatto¹²⁴. Desse modo, o servo na Babilônia recebe um atributo real e os exilados e as exiladas redescobrem o poder de atuação de Iahweh. O sistema político, referendado em divindades babilônicas, não conseguiu eliminar o Deus de Israel, apesar da invasão de Nabucodonosor em Judá, das deportações e da destruição do templo em Jerusalém.

Iahweh proclama “meu servo és tu, Israel”. Esse título já foi empregado em relação a Israel em Is 41,8; 44,1 ; 45,4. Na análise de Ralph Klein , a identificação do servo com Israel pode ser entendida como a corporificação da função profética:

Não só é necessário admitir intensa personificação, o que confere ao retrato do servo traços altamente individualísticos, mas o segundo poema atribui ao servo uma missão para Israel (49,6), logo depois de tê-lo identificado com Israel... a razão desta ambivalência provém do fato de que o segundo Isaías era Israel em sentido muito verdadeiro. A sua missão era a missão de Israel: sua palavra era a palavra do servo Israel¹²⁵.

Para Alonso Schökel e Sicre há uma hipótese de que o personagem individual tenha o nome de Israel, assim como o grupo a favor do qual ele atua. Portanto, neste v.3 Israel servo é o autêntico Israel em quem Iahweh se gloria, concluem estes autores¹²⁶. Para eles esta hipótese fundamenta-se nas tradições patriarcais e a do êxodo. Enquanto que a primeira Israel é um personagem, isto é, o terceiro patriarca na história do povo de Deus, a segunda, Israel é reconhecido como um povo.

¹²² RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste. Vol. II, 1974. p. 243.

¹²³ CROATTO, J. Severino. O Dêutero-Isaías, profeta da utopia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. p. 39.

¹²⁴ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 122 e. 203.

¹²⁵ KLEIN, Ralph. *Israel no Exílio*. p. 137.

¹²⁶ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 323.

Todos os enunciados acima, no entanto, desconsideram a contradição entre o v. 3 e o v. 6, se a missão do servo é “reconduzir Israel” v.6, o servo não pode ser identificado com “Israel”, como acontece no v. 3. Por isso, grande parte dos exegetas entendem que o termo "Israel" é uma interpolação tardia, afirmação que pode ser encontrada em G.von Rad, Sellin, Zimmerli entre outros¹²⁷. Em nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém o termo é considerado uma glosa inspirada em Is 44,21 e, é atribuído a um povo que vive em contexto de opressão e escravidão¹²⁸. Desse modo compreende S. Croatto ao analisar os sentidos atribuídos ao termo Israel.

3.5.4. A confiança em Iahweh reacende a esperança do servo

4 Eu disse: “Cansei-me em vão, vazio e para nada gastei minhas forças”, na verdade meu direito está com Iahweh, meu salário está com meu Deus.

Na primeira parte do versículo quatro *Eu disse: “Cansei-me em vão, vazio e para nada gastei minhas forças”*, ocorre uma queixa, sobre a inutilidade e da perda de energia. Através das expressões “cansei/em vão/para nada/ gastei minhas forças”, ao que parece, o servo está enfraquecido e desanimado, suas tentativas de vitória parecem fracassadas. No entanto, na segunda parte deste versículo *na verdade meu direito está com Iahweh, meu salário está com meu Deus*, o servo redescobre sua libertação que vem de Iahweh por meio das expressões de confiança “meu direito/meu salário está com meu Deus”, assim, a salvação e a justiça pertencem a Iahweh, e esse episódio lembra os profetas Jeremias e Ezequiel. Portanto, na segunda parte do v. 4, fala-se de confiança e fé em Deus. O homem fraco se torna forte em Deus, o sofrimento no exílio acabará com a intervenção salvadora de Iahweh.

O termo **דָּרְכֵי יְהוָה** é traduzido por direito, arbítrio, decisão legal, decretos, processos julgamento, controvérsia jurídica e justiça, conforme os dicionários bíblicos¹²⁹. Em Dêutero-Isaías esta expressão é referida 11 vezes (42,1.3-4; 49,4; 53,8; 40,14-27; 41,1; 51,4; 54,17 entre outros. Numa acepção político-jurídica ou religiosa essa expressão pode ser traduzida como direito e justiça assim como por um sentido relativo à verdadeira religião, como se pode

¹²⁷ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. p. 250. SELLIN, Ernst. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 567(203). ZIMMERLI, Walter. *Manual de Teologia del Antigo Testamento*. p. 256. ALONSO SHÖKEL, Luis; MATEOS, Juan. *Isaías*. p. 235.

¹²⁸ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 55.

¹²⁹ KIRST, Nelson; KILPP, Nelson. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 146. ALONSO SCHÖKEL, L *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. p. 410-411.

ler em Harris e Archer¹³⁰. Este verbete também refere-se a uma intervenção ou decisão de Iahweh em favor do povo de Israel, como afirma S. Croatto¹³¹.

O termo **מִשְׁפָּטִי** é então denominada “direito, sentença, julgamento”, como exemplos em Dt 1,17 que diz “a sentença é de Deus”, e em Pr 16,33 que cita que a sorte se joga na orla da veste, mas “o julgamento depende de Iahweh”¹³². No v.4 trata-se de um sentido religioso, político e da intervenção de Deus, pois quando o servo diz “meu direito está com Iahweh”, afirma que a ação salvífica está posta em Iahweh e não nos deuses babilônicos e suas ideologias. É Iahweh que intervém na vida do servo e na situação de exílio. O v.4 faz alusão, também, ao sofrimento do exílio¹³³ e a esperança de sair dele, pois ao retornar a memória da ação salvífica de Deus na história, os exilados e as exiladas percebem que, muitas vezes, Deus libertou seu povo do jugo da escravidão. Iahweh intervém em favor de seu povo exilado e este se sente confiante, pois “na verdade meu direito está com Iahweh, meu salário está com meu Deus” (v. 4).

3.5.5. Iahweh modelou o servo para uma missão

5 Mas agora disse Iahweh, aquele que me modelou desde o útero para ser seu servo, para reconduzir Jacó a ele, para que a ele se reúna Israel, serei glorificado aos olhos de Iahweh, meu Deus será a minha força.

No v. 5, qual seria a intenção do profeta? Iahweh modelou o servo desde o útero de sua mãe. De acordo com Garmus¹³⁴, o verbo **יָצַר** (modelar) é usado para expressar a ação de Deus na criação, nos montes (Am 4,13), na terra em geral (Is 45,18; Jr 33,2; Sl 95,5), nos animais (Sl 104, 26; Gn 2,19; Am 7,1) e no ser humano (Gn 2,7). Para S. Croatto,¹³⁵ este mesmo verbo assinala um desígnio originário, que vem dos antepassados Abraão, Sara, Moisés, Míriam e Araão e dos demais profetas e profetisas do povo de Israel. Nesse versículo, Deus modela, desde o ventre materno, o servo que pode ser uma ênfase indicando a ação de Deus em re-fazer um novo Israel: Como a imagem do oleiro que modela a argila segundo o seu jeito, assim, Iahweh é comparado modelando seu povo desfeito e aniquilado. Iahweh, é o

¹³⁰ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 1605.

¹³¹ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 204. Este autor traduz o termo **מִשְׁפָּטִי** do v.4 em: “mas na verdade a realização da minha salvação está em Javé” p. 197, pois **מִשְׁפָּטִי** não é somente direito, mas, sobretudo o projeto salvífico executado” p. 204; Cf. NÚÑEZ REGODÓN, Jacinto. *El universalismo dos Cantos del Siervo*. p. 70, em seu artigo aprofunda este termo a partir de Is 42,1-4, p.68-72.

¹³² HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 1605.

¹³³ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II.. p. 203.

¹³⁴ GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40-55. *Estudos Bíblicos*. n. 89. p. 35.

¹³⁵ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. 40-55. p. 204

oleiro que, desde o útero da mãe, faz nascer um novo povo e o reanima para recomeçar sempre.

O verbo שׁוּב (reconduzir) pode ser traduzido, também, por “conduzir de volta”, “restaurar”, “regressar” e “converter”, analisa Davidson¹³⁶. Ele aparece em passagens bíblicas como Jr 50,19; Ex 4, 21, Nm 35, 32, Rt 1,7.16 e Jz 22,27. No v. 5, quem é o sujeito do verbo reconduzir? Quem pratica a ação de reconduzir Jacó, é Iahweh ou o servo? Segundo J. Núñez, o sujeito de reconduzir é, sem dúvida, o servo e não Iahweh, pois é tarefa do servo reconduzir Jacó e reunir a Israel¹³⁷. Alguns biblistas se perguntam se a expressão “reconduzir Jacó a ele, e a ele se reúna Israel” significaria que o profeta estaria referindo-se ao problema do cisma entre os dois reinos: Israel e Judá¹³⁸, a fim de unificá-los novamente. Acredita-se que está hipótese esteja superada. Segundo S. Croatto, essas expressões enfatizam que o servo, que na sua opinião, é Israel cativo, tem uma missão a cumprir com todo o Israel disperso no Império Babilônico¹³⁹.

O texto hebraico do v.5 diz “Israel não se reúna”, mas o texto masorético propõe como leitura “ para que a ele se reúna Israel”, como afirma Valmor da Silva:

E Israel para ele se reúna” é uma proposta apresentada pelo texto masorético para a leitura (*qerê*), corrigindo o texto escrito (*Ketib*), “e Israel não se reúna”. Trata-se de mudar o “não”(lo’) por “para ele” (lô). Essa proposta tem apoio de nove manuscritos hebraicos. A lógica da tradução que se impõe é para que Israel se reúna a Jacó, realizando o sonho da unidade tribal¹⁴⁰.

Nos vv. 5 e 6, o profeta menciona Jacó/Israel dando a entender que os exilados se reconhecem como descendentes do patriarca Jacó, renomeado de Israel¹⁴¹, e, também, como um novo povo, de acordo com as tradições do êxodo¹⁴². Esta identificação do servo como povo de Israel, no entanto, cai por terra se considerarmos o “Israel” do v.3 como glosa.

3.5.6. O servo exilado é luz das nações

¹³⁶ DAVIDSON, B. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. p. 704. EDEL, Reiner-Friedemann. Hebräisch-Deutsche Präparation zu Jesaja. Marburg: Oekumenischer Verlag, 1964, p. 119.

¹³⁷ NÚÑEZ REGODÓN, Jacinto. El universalismo dos Cantos del Siervo. Madrid: Universidad Pontificia Comillas. p. 73.

¹³⁸ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 325.

¹³⁹ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. 40-55. p. 204.

¹⁴⁰ SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. p. 263. Cf. o roda-pé da Bíblia de Jerusalém que cita “a ele se reúna”, versões 1Q Is^a; “não se reúna”, Texto Masoretico.

¹⁴¹ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. 40-55. p. 42.

¹⁴² ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 323.

*6 Ele me disse: É pouco que sejas para mim um servo, para pôr de pé as tribos de Jacó e reconduzir os descendentes de Israel.
Também te estabeleci como luz das nações, para acontecer a minha salvação até as extremidades da terra.*

Neste v. 6, a missão do servo se desdobra em duas partes: na primeira parte afirma-se que, "é pouco que sejas para mim um servo, para por de pé as tribos de Jacó e reconduzir os descendentes de Israel". O servo pertence a Iahweh e sua missão está relacionada às tribos de Jacó e aos descendentes de Israel, estes verbos provavelmente referem-se ao retorno do exílio e à restauração da nação de Israel, conforme pontua Valmor da Silva¹⁴³. Porém, na expressão é "pouco que sejas para mim um servo", enfatiza-se que sua missão é mais relevante ainda, vai mais além de reconduzir Israel e pôr de pé as tribos de Jacó. Na segunda parte do v.6 se pode ler "te estabeleci como luz das nações, para acontecer a minha salvação até o extremo da terra". A missão do servo se desdobra com mais força, pois Iahweh o estabelece como luz das nações para que aconteça sua salvação até os confins da terra.

Mas, qual é o sentido de ser luz das nações, vivido pelo servo? Segundo J. Núñez¹⁴⁴, "ser luz das nações" significa que o servo tem uma missão de caráter universal, de levar a salvação até os confins da terra. Autores como Alonso-Schökel e Sicre e G. von Rad também concordam com esta argumentação, pois esta expressão refere-se a um acontecimento da ação salvadora de Deus para Israel e para todas as nações¹⁴⁵. Portanto, para estes estudiosos a missão do servo é universal. Inicialmente pensava-se que o servo exilado tinha uma missão para o povo de Israel, mas constatou-se que sua missão deveria atingir a todos os povos¹⁴⁶.

De acordo com S. Croatto, ser luz das nações tem a ver com a realidade social e política em que viviam os exilados. Em textos mesopotâmicos a imagem de luz equivale a libertação, sair da prisão ou cadeia é entrar na luz, isto é, libertar-se. Assim era recitada uma oração babilônica "fazes ver a luz aos que têm sido entregues à prisão", provavelmente, as expressões "cadeia" e "prisão" eram metáforas para designar a opressão vivida no Império Babilônico, como destaca S. Croatto¹⁴⁷. Alguns biblistas¹⁴⁸ concluem que Israel, exilado na Babilônia, uma vez libertado, é sinal de libertação e luz para o outro Israel, disperso entre as

¹⁴³ SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. p. 264.

¹⁴⁴ NÚÑEZ REGODÓN, Jacinto. El universalismo dos Cantos del Siervo. p. 74.

¹⁴⁵ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 296. RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. p. 243. BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 485.

¹⁴⁶ MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. p. 72.

¹⁴⁷ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 73.

¹⁴⁸ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 205. GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40-55. n 89. p. 41.

nações do império caldeu. A intenção do profeta é que Iahweh quer recuperar sua própria credibilidade frente a grupos exilados descrentes nele¹⁴⁹.

Ainda de acordo com este autor, não há no versículo uma promessa missionária de conversão de outros povos. Os destinatários interpelados não são os povos estrangeiros, mas os israelitas dispersos entre eles.

O servo é designado a ser luz para todas as nações e aqui o termo גוֹיִם (nações) refere-se a grupos distintos em seus aspectos: étnico, político e territorial. Ele pode ser empregado tanto para Israel (Js 3,17; 4,1; 5,6); como para as várias nações que surgiram de Abraão e Sara (Gn 17,4-6; 17.16; 12,1-3); e para povos vizinhos de Israel (Dt 4,38; Js 23,13; 2,21-23)¹⁵⁰. Conforme os estudos destes biblistas constatam-se possíveis interpretações do v. 6:

- a) O servo Israel no exílio, uma vez libertado, é luz para o “outro” Israel, disperso no império, incluindo Judá.¹⁵¹
- b) O servo, Israel, no exílio uma vez libertado é luz também para as demais nações do império caldeu, não somente para Israel.¹⁵²

Diante das duas teses, me parece mais provável que o servo, uma vez libertado, seja sinal de libertação para os israelitas exilados não só na Babilônia, mas também para os demais povos não israelitas. Talvez Israel não tivesse a pretensão de exercer uma missão universal, porém, pelo fato de estar exilado em várias partes do império torna-se um paradigma frente ao sistema dominante do império babilônico. Os exilados descobrem que Deus depositou neles a força criativa de buscar saídas do exílio. Essa ação salvífica de Deus é um novo acontecimento em relação ao ocorrido aos antepassados escravizados no Egito. Ser luz das nações tem como finalidade socializar a ação salvadora de Iahweh a todos que se encontram oprimidos. Quem opta por Iahweh está dizendo não ao sistema político e ideológico da

¹⁴⁹ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p.51.

¹⁵⁰ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G.L. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento*. p. 326/327. ALONSO SCHÖKEL, L *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. p. 134/135.

¹⁵¹ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. p. 205 e 73. GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is40-55. *Estudos Bíblicos*. n. 89. p. 41

¹⁵² ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 325. RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. p. 243. BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 485. MESTERS, C. *A missão do povo que sofre*. p. 72.

Babilônia, e sim a um novo projeto baseado na reconstrução da vida, da cultura, da religião dos israelitas e do retorno à Terra Prometida.

Após a análise exegética de Is 49,1-6, pretendo abordar, na seção seguinte, algumas questões relativas à temática desta pesquisa. Também retomo a discussão sobre a identidade do “Servo de Iahweh” no livro do Dêutero-Isaías e, especificamente, na perícopes de Is 49,1-6.

3.6. O conceito de servo e de serva

A palavra עֶבֶד (servo) aparece mais de 700 vezes no Antigo Testamento, conforme pude constatar na leitura de dicionários bíblicos.¹⁵³ Em Is 40-55 aparece 21 vezes, enquanto que o verbo עָבַד (servir) e o substantivo עֶבֶד (servo), estão presentes em todas as línguas semíticas ocidentais, sendo o significado e uso de servo não restrito ao âmbito da escravidão¹⁵⁴.

Em hebraico o substantivo עֶבֶד significa escravo, servo, criado, empregado, como pode ser lido em Ex 20,10; Jr 34,11; Ne 5,5; Gn 24,2; além disso, súditos de um rei: a) ministro, cortesão: 1Sm 16,17; 1 Rs 3,15; b) funcionário: 1Rs 1,9; 1Sm 8,14-15; c) embaixador: 2 Sm 10,2; d) oficial, soldado: 1Sm 28,25; 1Sm 28,2; e) rei-vassalo 2Sm 10,19; f) nações que pagam tributos: 1 Cr 18,2; 6,13; g) adorador ou devoto de um deus/deusa: 2 Rs 10,23; 2Rs 19,21 Is 65,13; Ex 14,31; Jr 25,9.¹⁵⁵ Aprofundando um pouco mais o significado do termo עֶבֶד Westermann¹⁵⁶ apresenta quatro marcos na esfera das relações entre o servo e seu senhor: 1) em âmbito familiar e social, o servo ou escravo agregado à família era um membro seu. A existência de escravos em Israel não era a falta de liberdade, mas sim o sentido de pertença e proteção (Gn 24). Eles faziam parte dos bens da família; 2) Na política interna, os mais importantes eram os servos do rei, pois eles eram os guerreiros. Eram pessoas livres e extremamente fiéis ao rei; 3) Na política externa, o servo era um povo, uma

¹⁵³ HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1553. JENNIE, E.; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antigo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978. 2 Vol. c. 241

¹⁵⁴ JENNIE, E.; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antigo Testamento*. Vol. II. c. 242. DREHER, Carlos A. A escravidão e escravos na bíblia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 18, p. 19-26, 1988. p. 14.

¹⁵⁵ ALONSO SCHÖKEL, L *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 474/473. HARRIS, R. L; ARCHER, JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 1066 e 1067.

¹⁵⁶ JENNIE, E.; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antigo Testamento*. Vol. II. c. 251.

tribo ou um grupo, Dt 5,15; Ex 13,3.14; 4); 4) Em relação a Deus, era o servidor, aquela pessoa que pertencia a Deus e por Ele era protegido.

O termo עֶבֶד (servo) não possui uma forma feminina correspondente usa-se שִׁפְחָה ou אִמָּה e estas duas palavras referem-se à serva ou à escrava. O termo שִׁפְחָה designa também a escrava, que está a serviço da mulher da casa; já אִמָּה é a concubina do homem ou a esposa de um escravo.¹⁵⁷ Os substantivos עֶבֶד e אִמָּה, עֶבֶד e שִׁפְחָה aparecem em alguns textos lada a lado: Gn 12,16; 20,14; Dt 5,14.¹⁵⁸ Segundo M.Garcia Bachmann, a forma אִמָּה não aparece em Isaías. O termo שִׁפְחָה aparece em dois textos Is 14,2 e 24,2¹⁵⁹.

Quando o texto descreve a expressão servos inclui-se, também, as mulheres, as crianças, os velhos, os jovens e os homens. As denominações ilhas e povos distantes, também seguem esse raciocínio, argumenta Laffey. No Antigo Testamento, geralmente, as terminologias masculinas têm prevalecido sobre as femininas, esta tendência ao masculino fez com que muitos termos femininos com seus vocábulos próprios sejam designados de forma masculina. Graças a uma interpretação bíblica, a partir da crítica feminista, é possível suspeitar de vários conceitos pré-estabelecidos de textos bíblicos que legitimavam o poder patriarcal e *kyrial*, e desvendá-los.¹⁶⁰

As religiões semíticas têm como característica a concepção de Deus como Senhor e a relação entre Deus e o servo não seria de submissão e sim de pertença. O servo de Deus é protegido e escolhido pela divindade, esta relação inclui uma missão¹⁶¹. Assim são chamados os profetas Jeremias (25,4) e Amós (3,7) e os reis. Nabucodonosor é o servo do deus *Shamasch*; o rei da Pérsia, Ciro, é o servo do deus *Marduk*; Davi é o servo de Iahweh (2 Sm 7). Em Is 49,1-6, a intimidade do servo em relação a Iahweh aparece nos vv. 3, 5 e 6 sempre em relação direta com Deus, assim como os reis eram na antiguidade. No entanto, esta

¹⁵⁷ JENNIE, E.; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol. II. c. 246.

¹⁵⁸ GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El “Siervo” em Isaías y la “continuidad del des-poder”*. p. 279

¹⁵⁹ GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El “Siervo” em Isaías y la “continuidad del des-poder”*. p. 288.

¹⁶⁰ FIORENZA, Elizabeth Schüsler. *Los Caminos de la Sabiduría: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Editorial: Sal e Terra: Santander, 2001. Cf. *El poder de la sabiduría: una analítica social feminista*. p. 139-180. O termo patriarcal: refere-se ao domínio do pai sobre os filhos e as filhas, como também a outros membros do clã. O conceito patriarcal se desenvolve como instrumento para identificar e questionar as estruturas sociais e ideológicas que tem permitido os varões dominar e explorar as mulheres. *Kyrial*: refere-se ao domínio do senhor, do amo de escravos, do pai, do marido, do varão livre e pertencente a elite. Todas as mulheres e os varões não-livres estão subordinados ao poder do kyrios. p. 160. CROATTO, J. Severino. *A sexualidade da divindade-Reflexões sobre a linguagem acerca de Deus*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, n 38, p. 16-31. Fev.2001. p. 17.

¹⁶¹ JENNIE, E.; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol. II. c. 251 e 252; MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983. p. 870.

intimidade do servo não se relaciona com o reinado. O servo não reina, ao contrário ele tem uma missão profética de libertar, reconduzir e reunir.

3.7. O “Servo de Iahweh” no livro do Dêutero-Isaías

Esse título “Servo de Iahweh” já era empregado, em Dêutero-Isaías, em relação a Israel em Is 41,8; 44,1. 24; 45,4; 48,22. Segundo Werner Schmidt, o título de “Servo” é reservado para o povo de Israel e para o próprio “Servo de Deus”¹⁶². A relação senhor/servo pressupõe direitos e responsabilidades mútuas, o escravo presta serviço e lealdade, e o senhor lhe oferece sustento e proteção. Iahweh protege seu povo, mas os outros deuses não são capazes de protegê-los, conforme analisa S. Croatto¹⁶³. “Servo de Iahweh” é um título que não é destinado a alguém em particular, seja uma pessoa ou um grupo, essa expressão faz parte da história e da fé de Israel. No exílio, o povo lembrava que, antes da monarquia, Iahweh escolhia pessoas sábias (Dt 1,13-17) para guiar o povo. Quando surgiu a monarquia, somente o rei era considerado o intermediário entre Deus e o povo e por isso, em Dêutero-Isaías, o título recai não somente sobre Ciro, rei da Pérsia, mas ultrapassa a realeza. O intermediário entre o povo e Deus não é necessariamente o rei, e sim aquela pessoa que é ungida por Iahweh. O seu redator quer voltar às origens e por isso, nesta perícopes, o título de “Servo de Iahweh” encontra-se, também, no meio de seus profetas e profetisas e das lideranças da comunidade. Isto fica claro nos propósitos do servo, sempre voltados para reconstruir a comunidade dos exilados e exortá-los a ouvir a Iahweh que estende sua salvação até as extremidades da terra, concluem Nakanosi e Pedro¹⁶⁴.

Quanto à identidade do servo, há várias interpretações possíveis e aqui serão apresentadas as quatro teorias principais: coletiva, individual, mista e messiânica.

¹⁶² SCHMIDT, Werner H. *A fé no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 312.

¹⁶³ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 55.

¹⁶⁴ NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *O segundo Isaías (40-55)*. p. 44

a) A interpretação coletiva refere-se ao povo de Israel.¹⁶⁵ Reconhece no “servo” o próprio Israel, ou seja os exilados e exiladas, servos e servas de Iahweh. Em Is 43,8-13 e 42,19 o povo é um servo cego, mas é o escolhido por Iahweh; em 41,8-9 Israel é o servo, pois sua descendência provém de Abraão; 44,21 o servo é um povo que não será esquecido; 45,4 o servo é um povo chamado e escolhido por Deus. Esta interpretação sugere que Israel tem uma missão futura a serviço de Iahweh. Quanto a esta interpretação, ela apresenta uma dificuldade, pois em certas passagens o servo e o coletivo são contrapostos. Alguns estudiosos acreditam não ser o “servo” todo o povo de Israel, mas um grupo profético do mesmo: Is 49, 3 49, 5-6; 53,8. “trata-se do pequeno grupo no qual Deus se glorificará, é o resto depositário das promessas”¹⁶⁶.

b) Os adeptos da interpretação individual, tal como Alonso-Schökel e Sicre, Mckenzie, identificam o servo como uma figura histórica.¹⁶⁷ As opiniões se dividem, com referência às pessoas do futuro, presente e passado da história: Zorobabel, Joaquim (como representante da dinastia davídica), Ozias, Ezequias, Josias, Ezequiel, Neemias, Moisés, Jeremias, Ciro, o rei dos persas, o próprio Dêutero-Isaías, entre outros. De todas as hipóteses a mais provável recai sobre o próprio Dêutero-Isaías. Na opinião de J. Mckenzie¹⁶⁸ o profeta é concebido como novo Moisés que conduzirá Israel do exílio para a Terra Prometida.

c) A interpretação mista é uma opção encontrada pelos estudiosos que não aceitam as interpretações exclusivamente individual e coletiva. Portanto, propõe a união das duas teorias, pois no Dêutero-Isaías encontram-se vários servos: Israel, um grupo de israelitas, o profeta, Ciro, e o próprio Deus¹⁶⁹. Desta forma, assim, descrevem Alonso-Schökel e Sicre utilizando palavras de Bonnard:

¹⁶⁵ GARCIA BACHMANN, em *El “Siervo” em Isaías y la “continuidad del des-poder”*. p. 276. apresenta em seu artigo, três chaves hermenêuticas para interpretar o “Servo de Iahweh”: a) ver o servo como uma figura não como uma pessoa; b) ver a sociedade israelita como uma linha contínua de poder e privilégio, desde o mais privilegiado, o rei, e a menos privilegiada a leprosa; c) fazer uma leitura dos textos desde as mulheres pobres. Esta última ela considera a mais importante, pois os estrangeiros, as mulheres, as escravas e os escravos representam na sociedade israelita um contínuo des-poder. Os capítulos 47,49 e 60 do livro de Isaías relacionam-se com a volta do exílio, estes utilizam-se de imagens de servas sofredoras. Cf. p. 288. SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 253. SELLIN, Ernst. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 567 (203). SILVA, Valmor da. *Leitura do primeiro canto do Servo do Senhor, segundo Is 42,1-7. Isaías 40-55. Estudos Bíblicos*. p. 44.

¹⁶⁶ MONLOUBOU, L.; DUBUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 746.

¹⁶⁷ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 278. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. p. 871. GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El “Siervo” em Isaías y la “continuidad del des-poder”*. p. 276.

¹⁶⁸ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. p.871.

¹⁶⁹ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 279. SELLIN, Ernst G. Fohrer. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 567 (203). MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. p.871.

Definitivamente, os capítulos 40-55 de Isaías não falam de *um* servo, mas sim de vários; Israel como totalidade (principalmente em 40-48), um grupo seletivo de israelitas (49,1-6.7-13; 52,13-53.12), o profeta (50,4-11), Ciro (42,1-9). Inclusive o próprio Deus é obrigado pelo povo a cumprir uma missão de servo (43,23-24)¹⁷⁰.

d) A interpretação messiânica identifica o servo com um rei “justo e humilde” que traz a salvação a todos os povos, argumenta Werner Schmidt¹⁷¹. Há uma teoria, segundo a qual os poemas do “Servo de Iahweh” teriam sua plena realização na pessoa de Jesus Cristo¹⁷². Segundo o Novo Testamento as comunidades cristãs passaram a aplicar as frases isaianas a Jesus. O título “Servo” é aplicado a ele:

Os poemas do servo estão no pano de fundo de textos como 1 Cor15,3-5: a morte de Jesus “conforme às escrituras”; “por vós...por muitos”, por ocasião da instituição eucarística (Mc 14,24); Rm 8,34; Fl 2,6-11: “a forma de escravo”; Mc 10,45: “o resgate”; Mc 9,12: “o sofrimento do Filho”. Todos estes textos, como muitos outros, mostram que os discípulos de Jesus pensaram sua morte e sua ressurreição, como também sua obra de salvação, a partir dos cânticos isaianos¹⁷³.

Essa abordagem sobre Jesus Cristo, que tenta identificá-lo com o “servo”, será aprofundada no capítulo seguinte.

Como foi visto, há inúmeras posturas em relação à identidade do servo, estas vão acontecendo de acordo com o contexto e, ora ele é Israel/Jacó, ora é um indivíduo como o rei Ciro ou o próprio profeta. Das interpretações vistas anteriormente, a que mais se aproxima do foco de nosso estudo é a identidade coletiva, pois refere-se a um povo ou a um grupo de pessoas que cumprem uma missão de Iahweh, conforme veremos a seguir.

3.8. O “Servo de Iahweh” na perícopa Is 49,1-6

Nesta seção pretendo apresentar uma compreensão de “Servo de Iahweh” em Is 49,1-6. Constatei nas diferentes pesquisas que há opiniões divergentes sobre o tema.

Para G. von Rad, o servo, fora dos “cânticos”, em Dêutero-Isaías, designa o povo de Israel, isto pode-se verificar nos seguintes textos Is 41,8; 42,19; 44,1.2.21; 45,4; 48,20. Em

¹⁷⁰ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 279.

¹⁷¹ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. p. 254.

¹⁷² ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 279.

¹⁷³ MONLOUBOU, L; DUBUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. p. 747.

Is 49,6 o servo é um indivíduo que tem uma tarefa a cumprir junto a Israel, não representa uma coletividade. Ele é uma pessoa revestida de missão profética universal,¹⁷⁴ sendo identificado como o segundo Moisés.¹⁷⁵

Segundo Bright, o servo é uma figura que flutua entre o indivíduo e o grupo. Em Is 49,1-6 ele é uma testemunha dos desígnios de Deus na história e suas características são sacerdotais, régias, mas especialmente proféticas. Ele não pode ser identificado com nenhuma personalidade histórica do tempo do profeta ou de época anterior, argumenta Bright¹⁷⁶.

Os autores Alonso-Schökel e Sicre¹⁷⁷ argumentam que o servo é um personagem individual que leva o nome de Israel, também é um personagem coletivo, pois o grupo ao qual pertence leva o nome de Israel. Eles tentam explicar como Deus pode enviar Israel para libertar Israel. Nos vv. 5-6 Jacó é igual a Israel e no v.3 Israel é um indivíduo.

Para S. Croatto¹⁷⁸ o teor do texto de Is 49,1-6 indica que Israel, cativo na Babilônia, é o servo. O biblista C. Mesters opina que o servo é um grupo profético entre os exilados¹⁷⁹ que vive na Babilônia. Diante dessa diferentes interpretações proponho, neste estudo, um entendimento do servo como uma personificação de um coletivo dentre os exilados na Babilônia.

Como foi visto anteriormente, para alguns autores, o “Servo de Iahweh”, além de reconduzir os israelitas, trazê-los de volta a sua pátria e reuni-los em torno de Deus, é luz para todos os povos. Mas em que mesmo consiste esta missão? Retomando a exegese de Croatto,¹⁸⁰ que diz que Israel exilado na Babilônia é o mediador salvífico de Iahweh e, Israel, uma vez libertado por Iahweh, torna-se luz para todos os israelitas dispersos em outras regiões do Império babilônico. Portanto não se trata de uma missão universal, não há uma promessa de conversão de outros povos. Já, na opinião de J. Núñez o Dêutero-Isaias não teve a intenção explícita de discutir sobre o universalismo da salvação, mas que este universalismo é consequência de seu anúncio de salvação para Israel. Portanto, para este autor, a missão é universal, pois a libertação de Israel favorece o encontro salvífico de Iahweh com todos os povos¹⁸¹.

¹⁷⁴ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. p. 250

¹⁷⁵ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. p. 251.

¹⁷⁶ BRIGHT, John. *História de Israel*. p. 486.

¹⁷⁷ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 323.

¹⁷⁸ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. 40-55. p. 204 e 206

¹⁷⁹ MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. p. 38.

¹⁸⁰ CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. 40-55. p. 73 e 205.

¹⁸¹ NÚÑEZ REGODÓN, Jacinto. *El universalismo dos Cantos del Siervo*. p. 75.

Concluo que nesta perícope de Is 49,1-6 que ser luz das nações significa perseverar na prática da justiça, da não violência e da solidariedade. Essa prática, uma vez conhecida para as nações torna-se luz e salvação. Sendo assim, o destino do servo é universal, embora Israel não tenha pretensão de exercer uma missão ad gentes. Pois, os desígnios salvíficos são para Israel e também para outros povos não israelitas¹⁸². A missão do servo é a missão de Israel que testemunha, perante todas as nações, a intervenção de Deus na história. A função do servo é ser mediador da libertação de Deus. Esta missão não nasceu no exílio, mas renasceu lá como fruto da confiança e da luta dos antepassados que optaram por Iahweh e por seus preceitos.

3.9. Visão de conjunto de Is 49,1-6

A partir da análise de alguns autores, serão apresentados itens conclusivos a respeito de Is 49,1-6. Essa perícope é denominada pela tradição exegética de segundo cântico do “Servo de Iahweh”, porém do ponto de vista do gênero literário não se trata de um cântico, afirma S. Croatto¹⁸³. Na análise de J. Steinmann,¹⁸⁴ esse poema pertence ao gênero literário da confissão profética. Nesse sentido, Zimmerli¹⁸⁵ salienta que as queixas do profeta, a falta de êxito de sua obra e a inutilidade de seus esforços lembram as confissões do profeta Jeremias. O servo é o locutor, descreve sua eleição, sua formação como anunciador da mensagem de Iahweh. Ele afirma que Iahweh o preparou e o chamou para uma missão, na qual ele se sente desafiado em assumi-la e vê dificuldade em reunir Israel, ser luz e mediador da salvação em todas as extremidades da terra¹⁸⁶. Segundo os biblistas Alonso Schökel e Sicre¹⁸⁷, o desafio é identificar nesta perícope quem é o Servo do Senhor, Ciro, um profeta ou uma coletividade de Israel? Todo o “cântico” fala a respeito de um personagem no singular, com uma tarefa a cumprir em favor de um grupo. Nos vv. 5-6 o indivíduo é Jacó/Israel, e no v.3 o indivíduo é denominado de Israel. Nas tradições patriarcais, Israel é o terceiro patriarca, nas tradições do êxodo, Israel é um povo. Não há antecedentes bíblicos que indiquem que Israel seja um personagem individual, mas para Garmus, o termo "servo" pode designar qualquer pessoa ou

¹⁸² ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 296 e 299. Cf. RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 243. BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1981. Vol 7. p. 485e 486. MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. p. 72. NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *O segundo Isaías (40-55.)* p. 46-48

¹⁸³ CROATTO, J. Severino. *Isaías*. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II. p. 201.

¹⁸⁴ STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. p. 179.

¹⁸⁵ ZIMMERLI, Walter. *Manual de Teologia del Antigo Testamento*. p. 257.

¹⁸⁶ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. p. 870.

¹⁸⁷ ALONSO SCHÖKEL Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I*. p. 323.

grupo que Deus venha a escolher para alguma missão específica. Nessa perícopes, o profeta assume, ele mesmo, em nome dos exilados e exiladas, o encargo de ser o “Servo de Iahweh”, e não mais Ciro, rei dos persas, conforme argumenta Garmus¹⁸⁸. Israel, exilado na Babilônia, possui o ministério da palavra, porque assim Iahweh o preparou desde o nascimento, este ministério significa uma missão futura de Israel a serviço de Iahweh¹⁸⁹.

Concluo que este texto é um poema de carisma profético. Embora seja mencionado como personagem no singular, o servo se refere, também, ao povo ou ao grupo denominado Israel. Portanto, é uma figura, na maioria dos versículos, individual, mas ao mesmo tempo coletiva, pois representa o povo de Israel exilado na Babilônia. Para não ser reconhecido em tempos difíceis de exílio, talvez o profeta precisasse manter sua identidade no anonimato, não se revelando totalmente a não ser para os que o reconhecessem. Sua missão é para Israel e, conseqüentemente, também para os povos não israelitas. O servo tem a missão de levar a salvação de Iahweh até as extremidades da terra, isto não exclui os outros povos que vivem em contexto de opressão, no Império.

A questão apresentada no texto pode ser assim definida: como crer em um servo sem força, exilado, fragilizado na fé, escolhido por um Deus, que também foi exilado, e que teve seu templo saqueado e destruído? A resposta vem da resistência e da persistência de mulheres e homens que carregam, desde o útero da mãe, a memória de uma história de salvação. Nos exilados, brotam, desde as entranhas, os sentimentos mais profundos de libertação diante do Império que quase fez sucumbir sua identidade e sua história de luta e fé. Esta memória retoma a ternura de Deus, que chama, pronuncia o nome, protege com sua mão e envia os pequenos e os pobres para que anunciem a sua salvação.

Talvez a preocupação de Dêutero-Isaías não seja responder quem é o servo, mas recuperar a memória de Israel, esquecida e abalada pelo contexto do exílio. Esta memória é perigosa, pois segundo ela, Deus libertou seu povo da escravidão e opressão no Egito e, portanto, essa memória reanima as exiladas e os exilados a confiar novamente em Iahweh, o Deus que reconstrói a vida, que liberta, fato este, já ocorrido na época da saída do Egito, onde o povo era escravo do faraó.

O servo representa um grupo, são as exiladas e os exilados na Babilônia e na diáspora do Império Caldeu. Elas e eles, com suas fragilidades, são fortes em Iahweh; desfiguradas e desfigurados e sem poder glorificam e são glorificadas e glorificados, tornando-se assim luz para os demais povos; sem força e inúteis são portadoras e portadores

¹⁸⁸ GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40-55. *Estudos Bíblicos*. n. 89. p. 41.

¹⁸⁹ JENNIE, E.; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol. II. c. 255.

da salvação de Deus; de insignificantes transformam-se em agentes capazes de reconduzir e reunir com todos os sobreviventes de Israel.

As servas e os servos, exilados na Babilônia, conseguem transmitir a mensagem de Iahweh a todos os povos. As mulheres servas, ao gerarem filhas e filhos, cultivavam a esperança de retornar a terra das antepassadas e dos antepassados. Com fé as mulheres garantiam as promessas de bênção, de terra e descendência feitas por Deus a seu povo. O retorno às origens não diz respeito apenas a aspectos geográficos, mas à busca de uma vida mais digna e mais justa. Essa nova vida, sem opressão, pode acontecer em qualquer parte da terra.

Como foi visto acima, o útero significa os mais íntimos desejos e sentimentos. Quais seriam eles para as servas e os servos de Iahweh? Por meio delas e deles, o povo exilado, redescobre a identidade de Iahweh. O amor de Deus é tão grande que vem desde o útero, das entranhas de uma mulher. Deus liberta seu povo oprimido e sofrido no exílio. Ele crê nos pequenos e os ama, e seu amor é misericordioso e infinito¹⁹⁰.

3.10. O grito das servas e dos servos, “prestai atenção!”

Hoje, quem escuta os pequenos, os pobres e a natureza fragilizada? Os povos indígenas, que lutam para recuperar a terra dos seus antepassados? Quem lhes dá atenção? Pois são eles que denunciam a exploração e a especulação dos madeireiros, mineradores, fazendeiros e imobiliárias. Quem crê nos pequenos agricultores e nas suas mais diversas organizações, Via-campesina, CPT? Eles também lutam para que haja uma justa distribuição de terra, onde possam plantar, produzir alimentos, e assim sustentar suas famílias e beneficiar o seu país. Quem acredita em suas denúncias contra o agronegócio que favorece os poderosos e grandes empresas multinacionais? Onde estão estes pequenos? Quem os ouve? Deus os vê, os ouve, acompanha e os envia. A proposta deles é de não fazer da mãe-terra um mercado comum de negócios e mercadorias que beneficiarão as grandes potências do planeta. Eles estão na contramão da história, porém há muitos que crêem que é possível, ainda, reverter esta história contada a partir dos donos da economia mundial, dos sistemas nucleares e bélicos, da mídia.

¹⁹⁰ GOMES-ACEBO, Isabel. *Deus é também mãe: reflexões sobre Antigo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 38.

A esperança de transformação vem dos pobres e dos pequenos espalhados neste planeta. Esta esperança vinda dos pobres é preciso juntá-la, reuni-la em um grande mutirão em todas as extremidades da terra. Assim, esses movimentos poderão ser luz e força que nasce da base, e que é sustentada e querida por Deus.

Nos dois primeiros capítulos deste trabalho abordei questões introdutórias do livro do Dêutero-Isaías, e o contexto em que viviam as exiladas e os exilados. Nesse capítulo realizei um estudo exegético da perícopes de Is 49,1-6, aprofundando quem é o “Servo de Iahweh” e sua missão. No próximo capítulo abordo a hermenêutica do “Servo de Iahweh” nos primórdios do Cristianismo e nos movimentos populares.

4. Hermenêutica do “Servo de Iahweh” nos primórdios do Cristianismo e nos movimentos populares

Apresento a seguir algumas interpretações sobre o “Servo de Iahweh”. Estas serão feitas a partir dos primórdios do Cristianismo e na perspectiva dos movimentos populares e da resistência indígena Guarani. Estas reflexões surgem da constatação de que o “Servo de Iahweh” em Is 40-55, freqüentemente significava os israelitas no exílio babilônico. Este povo é formado por mulheres, homens, jovens, crianças e anciãos. Portanto, por muitas servas e servos de Iahweh.

4.1. Jesus é o “Servo de Iahweh”

Os primeiros cristãos identificaram a figura do “Servo de Iahweh”, em Dêutero-Isaías, com Jesus Cristo.¹⁹¹ Os judeu-cristãos e judeus refletiam entre eles se Jesus era o Messias ou não. As comunidades cristãs creram no messianismo de Jesus e proclamavam que Ele era o Messias, segundo as Escrituras. O sofrimento e morte de Jesus na cruz eram explicados pelos cristãos à luz de textos do profeta Dêutero-Isaías, conforme Ceresko¹⁹². O Novo Testamento descreve várias maneiras a partir das quais as comunidades viam, em Jesus, o “Servo de Iahweh”. O texto de Mt 3,17 cita Jesus sendo batizado por João Batista e, após o batismo, ouve-se uma voz vinda do céu que diz: “este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Essa declaração celeste é muito semelhante ao texto de Is 42,1 que diz: “eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem eu tenho prazer”.

O texto de Mt 26,67-68 e Mc 15,19, descrevem Jesus sendo torturado e insultado pelos soldados romanos, antes de ser crucificado. Essa passagem é semelhante ao texto de Is 50,6-7, sendo que neste último relata-se que o “Servo de Iahweh” foi humilhado e maltratado.

Em At 8,26-40 Felipe, o missionário helenista, encontra um etíope, alto funcionário de Candace, que voltava de Jerusalém e lia a passagem de Is 53,7-8. Felipe aproximou-se dele, e o etíope então perguntou: “de quem diz isto o profeta, de si mesmo ou de outro?” A

¹⁹¹ MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. p. 128-130. CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. p. 250. GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El “Siervo” em Isaías y la “continuidad del des-poder”*. p. 276. CUNHA, Rogério de Almeida. *O servo solidário*. p. 16-18.

¹⁹² CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. p. 253.

partir desse diálogo a respeito das Escrituras, diz-se que Felipe anunciou-lhe a Boa Nova de Jesus. O texto não contém as explicações de Felipe, mas se deduz que ele associou o “Servo de Iahweh”, do Dêutero-Isaías, com Jesus, o Messias que viria cumprir as promessas de salvação de Deus. Jesus é o “Servo de Iahweh”, por excelência, pois, por seu intermédio, Deus realiza curas e graças, At 3,13. Ele foi rejeitado e condenado pelo poder religioso e político de sua época, porém Deus o glorificou, ressuscitando-o e assim manifestou sua glória (Lc 24,26), conforme o anúncio dos profetas, como destaca Goppelt ¹⁹³.

4.2. Jesus é o “Servo de Iahweh” na interpretação dos Santos Padres

Torres Hernandez ¹⁹⁴ destaca que os Santos Padres nos primeiros séculos da Era Cristã explicavam aos gregos e aos judeus os sofrimentos de Jesus, sua paixão, morte e ressurreição afirmando ser ele o “Servo de Iahweh”. Essa exegese elaborada pelos Santos Padres teve como finalidade tanto responder as questões cristológicas como fazer parte da catequese cristã. Portanto, a vida e a obra de Jesus foi legitimada em textos do “Servo de Iahweh”.

São Justino foi o teólogo, entre os Santos Padres, que mais contribuiu para essa interpretação, afirma o mesmo autor. A epístola de Barnabé interpreta a passagem de Is 49,5 como um diálogo entre Cristo e o Pai. Nos vs. 6-7 Cristo é o Mediador, a Nova Aliança e, através dele, a salvação de Deus chegará em todas as partes da terra ¹⁹⁵. A comunidade cristã, no início do Cristianismo, identificou, nas passagens de Is 40-55, o “Servo de Iahweh” com Jesus. Essa tradição prevaleceu durante séculos, e até nossos dias ela continua a marcar gerações. Esta identificação do “Servo de Iahweh” com Jesus, além de ser uma interpretação

¹⁹³ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Jesus e a comunidade primitiva. São Leopoldo: Sinodal. Vol. I, 1988. p. 274.

¹⁹⁴ TORRES HERNANDEZ, Julio Francisco. *El Siervo de Yahweh em los Padres griegos primitivos*. Exégesis de Is 42,1-13; 49,1-9; 50,4-11; 52,13-53,12, in: *Excerpta e Dissertationibus*, in: *Sacra Theologia* 37. Pamplona: Universidad de Navarra, 1999. p. 124. Na sua tese “El Siervo de YAHWEH em los Padres griegos primitivos: Exégesis de Is 42,1-13; 49,1-9; 50,4-11; 52,13-53,12”, o autor apresenta um estudo profundo sobre os cantos do “Servo de Javé” nos escritos dos Santos Padres da Igreja e nos escritores eclesiásticos gregos e latinos dos séculos I, II e III d.C. Segundo o Novo Testamento e as obras dos Santos Padres da Igreja, o Cristianismo tem identificado o “Servo de Javé” com a pessoa e a obra de Cristo. Para os Santos Padres da Igreja e escritores da época dos primeiros séculos do Cristianismo, estes textos do “Servo de Javé” são messiânicos, neles se encontram de certo modo, o resumo da Revelação de Cristo: desde o nascimento, a filiação divina, Paixão e Morte, Ressurreição, Ascensão e a glória final. p. 123-124.

¹⁹⁵ CUNHA, Rogério de Almeida. *O servo solidário*. p. 16-18.

individual, é também messiânica, pois Jesus é o “Servo de Iahweh” por excelência, Ele é o Messias prometido, conforme as Escrituras.

4.3. Experiências das servas e dos servos de ontem e de hoje

O servo foi escolhido desde o útero materno e sua missão consiste em anunciar a salvação de Iahweh a todos os povos. O Dêutero-Isaías não tem a pretensão de tornar o servo o centro das atenções, ou fazê-lo o único porta-voz da ação salvífica de Deus. O “Servo de Iahweh”, na sua condição de excluído, escravo, pobre e exilado na Babilônia é luz das nações. Tem por missão, também, ser luz em todos os lugares onde há situação de opressão.

Este estudo tem como proposta ser uma iluminação a toda a situação de opressão na realidade latino americana. A perícopes de Is 49,1-6 quer inspirar os movimentos populares a lutarem para que se concretize o Reino de Deus e sua justiça. Os exemplos trazidos neste estudo de experiências de mulheres e homens revelam que a missão de ser luz continua presente nas realidades sofridas. Em toda a ação e em toda a palavra anunciada, para que todos tenham mais vida, há presença das Sementes do Verbo Encarnado. Ela ecoa em todas as partes do mundo. Mulheres e homens são convidados a ser portadores de mais vida onde a criação esta sendo ameaçada. Como servo de Iahweh elas e eles são chamados por Deus a defender a vida.

O servo terá êxito em realizar sua missão com a força e proteção de Deus. Quem são as servas e os servos de hoje? São, por acaso, as mulheres geradoras e os homens geradores de vida e justiça? Como responder ao chamado de Deus para uma missão de ser serva e servo de Deus na realidade latino-americana, marcada pela violência, pelo desemprego, pela fome, pela devastação e exploração do meio-ambiente, por assassinatos de lideranças indígenas e de agricultores sem terra? Como ser luz das nações, na realidade em que a desigualdade de gênero, etnia e classe social cresce cada vez mais?¹⁹⁶ Como viver, neste contexto histórico, o projeto salvífico de Deus e a Boa Nova anunciada por Jesus Cristo? Qual é a alternativa econômica, política, social e ideológica frente ao sistema neoliberal? Essas interrogações são mais desafios do que perguntas. Desafios esses a serem refletidos pela sociedade, igrejas e

¹⁹⁶ Cf. “Até 2015, todos os 191 países Estados-Membros da ONU assumiram de: reduzir a proporção da população com renda inferior a um dólar por dia; reduzir pela metade a proporção da população que sofre de fome; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; garantir a sustentabilidade ambiental; atingir o ensino médio fundamental; melhorar a saúde materna; combater HIV/AIDS, a malária e outras doenças;estabelecer parceria mundial para o desenvolvimento”. www.pnud.org.br, 10 de Outubro de 2007.

movimentos populares. Sair de uma situação de exílio requer uma busca alternativa de vida diferente da que se vive, afirma Paulo Maldos¹⁹⁷.

Na América Latina encontramos muitos grupos reivindicando justiça e vida digna. Um exemplo que poderíamos lembrar é o das mães da Praça de Maio, na Argentina - seus ventres continuam a gritar pelo paradeiro de seus filhos mortos ou desaparecidos, durante o regime da ditadura militar. Outro exemplo é o das mulheres camponesas pertencentes à organização chamada Via-Campesina, no Brasil essas mulheres ocuparam, no dia 08 de Março de 2006, o horto florestal da Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro, no estado do Rio Grande do Sul. Ao ocuparem esta empresa multinacional, as mulheres denunciavam ao mundo o alastramento do “deserto verde” no Brasil e na América Latina. Em que consiste o “deserto verde”? “São enormes plantações de eucalipto, acácia e pinus, destinados a alimentar as fábricas de celulose. Só no Rio Grande do Sul são mais de 200 mil hectares de eucalipto e, conseqüentemente, segundo algumas opiniões, a biodiversidade é destruída, os solos se deterioram, os rios secam e a poluição é crescente pela ação das fábricas de celulose”, como denuncia o Dossiê da Via Campesina¹⁹⁸. Ao realizar o ato de protesto no dia 8 de março, as mulheres da Via Campesina buscavam assegurar, segundo a sua ótica, um futuro melhor para seus filhos e filhas. Elas geram em seus úteros não só a vida biológica, mas geram a resistência, uma nova consciência, a fortaleza de dizer não a projetos que destroem a criação de Deus. Inspiradas nas mulheres parteiras do livro do Ex 1,8-22, elas deram o seu grito profético, em nome da vida, da natureza, dos rios, das florestas e das futuras gerações de mulheres e homens que virão.

Esses exemplos na América Latina são atos de defesa da vida, do direito e do respeito ao ser humano. No primeiro exemplo, as mulheres reivindicam justiça em prol de seus filhos e maridos desaparecidos na época da ditadura militar, na Argentina. Esse gesto é luz e força para as demais mães do continente, pois esse sistema vigorou em diversos países do continente americano. Esse movimento tem servido de inspiração, também para a luta contra a violência do crime organizado e do tráfico de drogas em grandes cidades, como se pode ver nas “Mães da Praça da Sé”, em São Paulo, que se reúnem portando camisetas e placas com estampas de seus filhos e filhas desaparecidos em função da violência urbana. No

¹⁹⁷ MALDOS, Paulo. Da crise das promessas, às promessas das crises. *PORANTIM*: em defesa da causa indígena, Brasília: CIMI, Ano XXVII, n 286. p. 3 e 4, Jun./Jul. 2006. p. 3 e 4.

¹⁹⁸ VIA CAMPESINA. *Dossiê Deserto verde: o latifúndio do eucalipto*. In: Manifesto das mulheres camponesas-Via Campesina-Brasil. p. 32-34, Mar. 2006. p. 33. VIA CAMPESINA. *O latifúndio dos Eucaliptos: informações básicas sobre as monoculturas de árvores e as indústrias de papel*. Porto Alegre: Via Campesina, 2006. p. 17 e 26.

segundo exemplo referido anteriormente, as mulheres camponesas reivindicam que a terra cumpra sua função social de produzir vida e alimentos para todos, e que não a torne estéril, atendendo apenas aos fins lucrativos, definidos por grandes empresas multinacionais. Elas são luz que alertam o planeta sobre o impacto ambiental e suas desastrosas conseqüências para a humanidade.

Durante o período colonial, o Brasil mantinha mão-de-obra escrava. Por exemplo, em 1580, nos engenhos da Bahia, os escravos somavam cerca de 6 mil pessoas. Destes, 4 mil eram africanos e 2 mil indígenas, conforme pesquisa de Prezia e Hoornaert¹⁹⁹. Os africanos foram deportados para América e subjugados à escravidão. Porém, houve tentativa de rebelião contra o sistema do senhor do engenho e a partir desta resistência surgem os quilombos. Estes eram lugares de difícil acesso, onde os escravos se refugiavam. Vivendo neles de forma comunitária cultivavam a liberdade, a história dos antepassados, dos costumes e da religião. O quilombo mais famoso foi o de Palmares, entre Alagoas e Pernambuco. O grande líder deste quilombo foi Zumbi dos Palmares, morto em 1695. A vida nos quilombos era sinal de esperança, de liberdade e resistência. Os quilombos foram se constituindo em movimento alternativo ao sistema colonial e escravagista. A resistência, a luta, o amor e a fé em Deus fizeram com que mulheres e homens revestidos da força de Deus, se sentissem chamados a ser “Servo de Iahweh” no seu contexto de vida, anunciando e vivendo uma nova prática de justiça, solidariedade e fraternidade.

Sepé Tiaraju pode ser identificado como “Servo de Iahweh” para os movimentos populares de resistência. Desde pequeno ele trazia na sua testa um facho de luz e o mais velho dos Guaranis comentou “se foi Tupã que lhe acendeu a luz na fronte, de hoje em diante vou chamá-lo de Sepé, o facho de luz. Se Deus lhe deu esse lunar, foi para ser o nosso guia na noite”²⁰⁰. O que mais se sabe de Sepé Tiaraju? Ele foi eleito corregedor de São Miguel, no século XVIII²⁰¹. Durante a guerra guaranítica, ele era o mais hábil e cauteloso guerrilheiro guarani daqueles tempos²⁰². Sepé e seus índios guaranis lutaram contra a concretização do tratado de Madrid. Esse tratado, elaborado em 1750, entre Espanha e Portugal, dizia que as “povoações e estabelecimentos que se tinham feito por parte da Espanha no ângulo de terras

¹⁹⁹ PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Brasil Indígena: 500 anos de resistência*. São Paulo: FTD, 2000. p. 128.

²⁰⁰ CHEUICHE, Alcy. *Sepé Tiaraju: romance dos 7 povos das missões*. Porto Alegre: AGE, 1993. p. 81.

²⁰¹ CHEUICHE, Alcy. *Sepé Tiaraju: romance dos 7 povos das missões* p. 104. FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões Jesuíticas*. Porto Alegre: EST, 1996. p. 132. BRASIL, Ptolomeu de Assis. *Batalha de Caiboaté: episódio culminante da guerra das missões*. Brasília: Senado Federal, 2005. p. 55. PREZIA, Benedito. HOORNAERT, Eduardo. *Brasil Indígena: 500 anos de resistência*. p.55

²⁰² BRASIL Ptolomeu de Assis. *Batalha de Caiboaté: episódio culminante da guerra das missões*. p. 55

compreendidas entre a margem setentrional do Ibicuí e oriental do rio Uruguai fossem cedidas a Portugal”²⁰³. Os sete povos das missões estavam incluídos nessa área. Os missionários e os índios receberam ordens de abandonarem suas cidades e terras, e levar seus bens, móveis e gado, mudando-se para a parte espanhola, do outro lado do rio Uruguai²⁰⁴.

As lideranças indígenas dos sete povos missioneiros escreveram cartas ao governador José Andonaegui, de Buenos Aires, para serem enviadas ao rei Dom Fernando VI. Tais cartas tinham como objetivo evitar a guerra. As cartas, escritas em guarani, em 1753, expressavam a decisão dos índios de ficarem na terra dos seus antepassados. Pois essa terra era considerada dom de Deus e, por isso, depositavam sua total confiança nele no sentido de poder ficar nela²⁰⁵. Estavam dispostos a resistir até o fim. Diz-se que essas cartas não chegaram ao monarca Fernando VI, “ficaram presas nas mãos de ministros”²⁰⁶.

Sepé Tiaraju, o grande líder desta resistência, foi morto pelos exércitos da Espanha e de Portugal no dia 7 de fevereiro de 1756. Três dias depois da morte de Sepé, no dia 10 de fevereiro, houve a batalha de Caiboaté, onde cerca de 1500 indígenas, liderados por Nicolau Nenguiru, foram massacrados pelos dois exércitos europeus²⁰⁷. Sepé é símbolo da resistência dos pobres, dos sem terra, dos sem teto, dos sem trabalho e de todos os povos indígenas. A frase cantada por Sepé e repetida por seus guerreiros guaranis é: “Esta terra tem dono e ninguém no-la tira”, é sinal de esperança de que a terra é para ser cuidada, cultivada, respeitada para assim, gerar vida e não ser negociada, contaminada e explorada para gerar lucros²⁰⁸.

Na América Latina os povos indígenas foram exilados na sua própria terra. Eles foram arrancados de sua terra, de sua religião, de sua cultura e de sua tradição. Foram obrigados a seguir outra religião, outra cultura e outros costumes. Os colonizadores espanhóis e portugueses, no século XVI, invadiram as terras indígenas, expulsaram famílias, destruíram aldeias e mataram os que resistiam ao domínio colonizador²⁰⁹. A conquista espiritual, como

²⁰³ FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões Jesuíticas*. p. 95.

²⁰⁴ REZENDE, M. V. *História da República “Comunista” Cristã dos Guaranis: 1610-1768*. CEHILA. p.19. □ RABUSKE, Arthur. Carta de índios cristãos do Paraguai, máxime dos sete povos, datadas de 1753. Mártires das missões 1628-1978. *Estudos Leopoldenses*. Ano XIII, Vol. 14, n. 47, 1978. p. 75-102.. p. 68

²⁰⁵ RABUSKE, Arthur. Carta de índios cristãos do Paraguai, máxime dos sete povos, datadas de 1753. Mártires das missões 1628-1978. *Estudos Leopoldenses*. Ano XIII, Vol. 14, n. 47, 1978. p. 75-102. p. 65-101

²⁰⁶ RABUSKE, Arthur. Carta de índios cristãos do Paraguai, máxime dos sete povos, datadas de 1753. p. 67.

²⁰⁷ BRASIL, Ptolomeu de Assis. *Batalha de Caiboaté*. p.107-110. FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões Jesuíticas*. p. 144. PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Brasil Indígena: 500 anos de resistência*. p. 146

²⁰⁸ FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões Jesuíticas*. p. 134.

²⁰⁹ PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Brasil Indígena: 500 anos de resistência*. p. 110.

refere Chamorro²¹⁰, feita pelos missionários, chegava junto com as expedições dos europeus. Os missionários jesuítas foram enviados para a América, em 1549²¹¹, com objetivo de salvar as almas dos índios, mesmo contra sua vontade. Com o avanço da “civilização branca” as florestas foram sendo devastadas para a construção de povoados e cidades. Milhares de indígenas se refugiaram nas matas para sobreviver e manter seus costumes e modo de ser²¹².

Os indígenas resistiam com valentia à imposição cultural e religiosa. No Rio Grande do Sul, famílias guaranis voltam a ocupar pequenos espaços de suas terras tradicionais. Muitas famílias vivem em barracos à beira da estrada. Exilados em sua própria terra, os Guarani retornam a ela e seguem lutando por seus direitos originários. Reivindicam a demarcação de suas terras. Eles voltam, não somente em busca da terra que lhes foi roubada, mas em busca de reconstituir sua auto-estima, sua cultura, tradição e religião, conforme salienta Melià²¹³.

Guarani é um povo muito religioso, vive na esperança de encontrar a Terra Sem Males. Conta o mito que *Ñanderuvuçu* (nosso grande pai) veio à terra e falou a *Guyraypotý* (o grande pajé): “procurem dançar que a terra quer piorar”²¹⁴. Deus chama e envia o pajé a buscar a Terra Sem Mal. O pajé e toda a sua família fogem da destruição do mundo e vão em direção do leste em busca da Terra Sem Males. Ao chegarem no centro da superfície terrestre encontram *Yvy marãe’y* (Terra Sem Males) onde “as plantas nascem sozinhas, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem, e aí não há sofrimento”²¹⁵. Por ocasião da Campanha da Fraternidade de 2002, promovida pela Igreja Católica Romana, “Por uma terra sem males”, o mito ficou mais conhecido entre os cristãos. “A busca da Terra Sem Males se reveste de múltiplos sentidos e modalidades, como o Reino de Deus pode estar no meio de nós, assim

²¹⁰ CHAMORRO, Graciela. *A Espiritualidade Guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 56.

²¹¹ FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões Jesuíticas*. p. 16.

²¹² MELIÀ, Bartomeu. A experiência religiosa guarani. In: MARZAL, Manuel (coord). *O rosto índio de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 298.

²¹³ MELIÀ, Bartomeu. A experiência religiosa guarani. p. 298

²¹⁴ NIMUENDAJU, Kurt Unkel. *As lendas da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva Guarani*. São Paulo: EDUSP/Hucitec, 1987. p. 155. Entre vários mitos, dos povos Tupi, destaca-se o dos Guarani Apapocuva, recolhidos por Curt Nimuendaju, no século XX. No mito da Terra Sem Males diz que Deus-Nhandervuçu (nosso grande pai) resolveu acabar com a terra devido à maldade dos seres humanos, avisou antecipadamente o grande pajé, chamado Guyaypoty, par que ele e sua família se salvassem desta grande destruição que vinha sobre a terra.

²¹⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Por uma terra sem males: fraternidade e povos indígenas*. p. 56. NIMUENDAJU, Kurt Unkel. *As lendas da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva Guarani*. p. 98.

também a “Terra Sem Males” pode ser a terra fértil e abundante, “onde tudo é bom, o lugar de *Ñanderu...*”²¹⁶. A Terra Sem Males é aquela terra onde se vive a reciprocidade, a justiça, a vida digna, a saúde, a paz, a alegria, a festa, a gratuidade, serenidade... Esse mito é sinal de esperança não só para o povo guarani, mas para todos os povos indígenas e não indígenas.

Nos dias 4 a 7 de Fevereiro de 2006, em São Gabriel, no Estado do Rio Grande do Sul, o movimento indígena e os movimentos populares se reuniram para celebrar a memória e a luta do grande líder Sepé Tiaraju, pois ele foi, em seu tempo, um verdadeiro “Servo de Iahweh”. Como foi exposto acima, Sepé Tiaraju pertenceu aos sete povos missioneiros, do RS. Seus habitantes lutaram contra os interesses da Espanha e de Portugal. Seus interesses econômicos e políticos eram a conquista das terras dos Guaranis. Os índios das reduções jesuíticas, no entanto, lutavam para seguir vivendo na terra dos seus ancestrais.²¹⁷ Além dos povos indígenas, encontravam-se em São Gabriel, como movimentos populares, os quilombolas, os jovens do campo, os catadores de lixo e a Via-Campesina. Esses grupos refletiram sobre o direito à terra, o modo de ser indígena, os ideais de Sepé e das missões jesuíticas.²¹⁸ Esse evento, localizado no sul do Brasil, ecoou em âmbito nacional e internacional. O grito do povo guarani por terra, no século XVIII, faz-se presente nas Reivindicações dos povos indígenas e dos movimentos populares. Os ideais desses indígenas missioneiros estão presentes na luta de todos os pobres da América Latina. Este encontro continental dos índios guarani e dos movimentos populares, foi com toda certeza, um pequeno passo de socialização e articulação dos pequenos, os amados de Deus. Estes têm, como o “Servo de Iahweh” no Dêutero-Isaías, uma missão de ser luz, não só para si, mas para todos os pequenos, excluídos, explorados e perseguidos. Essa missão torna-se, também, responsabilidade de cada um, de cada etnia, de cada movimento social e eclesial. Deus continua a chamar servas e servos para serem luz e os convida a transformar o mundo e a cuidar da sua criação. Ele entra na história, no cotidiano das servas e dos servos sofridos. É através delas e deles que acontece a ação libertadora de Iahweh. A força de Deus vem ao encontro daqueles que se encontram impotentes frente ao sistema de morte.

²¹⁶ SUESS, Paulo. (Paulo<suess@uol.com.br) Convergência CF2002, “*Por uma terra sem males*”: articulação da Vida Religiosa em torno da CF2002. p. 1-10. Enviada mensagem para Rabeça Peres da Silva (rabecaps@yahoo.com.br), 25/Mar/2006. p. 6.

²¹⁷ CARVALHO, Priscila D. Movimentos unem-se em torno da resistência do povo Guarani. *PORANTIM*: em defesa da causa indígena, Brasília: CIMI, Ano XXVII, n 283. p. 4, Mar. 2006.

²¹⁸ CARVALHO, Priscila D. Movimentos unem-se em torno da resistência do povo Guarani. *PORANTIM*. p. 4.

A partir deste encontro em São Gabriel e de tantos outros na América Latina, é cada vez mais urgente a articulação dos movimentos indígenas e populares nascidos nas bases, como se refere Paulo Maldos:

Faz-se necessário dar importância aos processos locais, regionais e nacionais, de fortalecimentos e articulação dos povos indígenas entre si e destes com os setores populares rurais e urbanos na construção de estratégias comuns de ação na formação política; na formulação de alternativas às políticas públicas e na vivência diária de lutas e experiências populares ²¹⁹.

Unidas e unidos pela fé e pela mística, as servas e os servos de Iahweh hoje, buscam alternativas para que o Reino de Deus, anunciado e vivido pelo Servo de Iahweh por excelência, e a sua justiça aconteça já no meio de nós, (Mt 6,33).

4.4. O facho de luz que não se apaga

As comunidades cristãs e os Santos Padres ao interpretarem a vida, a paixão, morte e ressurreição de Jesus à luz do “Servo de Iahweh” em Dêutero-Isaías reafirmaram a humanidade de Jesus. Deus, em Jesus Cristo, se encarna na história da humanidade, se solidariza com os sofrimentos do povo e mostra o caminho da salvação.

As servas e os servos de Iahweh hoje, estão espalhados em todos os lugares. São as mulheres, os indígenas, os negros, os desempregados, os sem-terra, os catadores de lixo, as crianças pobres. Muitas pessoas destes grupos doam suas vidas para que outras tenham mais vida. As experiências destas mulheres e destes homens de ontem e de hoje são sinais da luz de Deus, de seu amor misericordioso pela humanidade, por sua criação. Os servos e servas de Iahweh de hoje vieram do útero de suas realidades, às vezes de violência, de falta de terra, de moradia, de fome, de doenças e de desânimos. Deus vai suscitando nestas pessoas de boa vontade a vocação para que reúnam os dispersos e que chamem a todos para buscarem mais vida. Esta pode ser encontrada na partilha da terra e dos alimentos, na festa, no perdão, na harmonia entre todas as criaturas. As servas e os servos de hoje são os profetas e profetisas que arriscam suas vidas lutando com e por amor à causa dos empobrecidos. Este homens e mulheres são como o “Servo de Iahweh” em Dêutero-Isaías, este sendo frágil, vivendo no anonimato e exilado aceitou a missão que Deus lhe confiara. Acreditou na força, na ternura e na proteção de Deus. Depositou toda a sua confiança nele. Os pequenos impulsionados pela

²¹⁹ MALDOS, Paulo. Da crise das promessas, às promessas das crises. *PORANTIM*. p. 4.

força de Deus, mantêm a chama acesa de suas mobilizações por vida e justiça. Eles são luz para a humanidade, suas ações são sinais de que é possível sonhar e concretizar um novo céu e uma nova terra, e o sofrimento não será mais lembrado, nem tornará a vir no coração.

Conclusão

Ao término desta pesquisa exegética, penso no quanto esse tema é persistente e desafiador e, por essa razão, apresento cinco itens conclusivos dessa dissertação.

No primeiro, foi possível constatar que há muitas interpretações sobre o “Servo de Iahweh”. Entre os biblistas há um entendimento de que Israel exilado na Babilônia é o “Servo de Iahweh”. Mas quem é o “Servo de Iahweh é” em Is 49,1-6? Ele representa uma coletividade, isto é, parte de um grupo profético de israelitas exilados na Babilônia.

No segundo item, concluo que o servo leva o título “Servo de Iahweh” por dois motivos: o primeiro, por viver em uma situação de opressão causada por um sistema político dominante e o segundo, por escutar e entender o convite de Iahweh: de ser luz das nações e levar a salvação de Deus a todos os lugares até os mais distantes do Império.

O terceiro aspecto conclusivo que destaco refere-se à missão do servo. Esta acontece por meio da palavra e da ação: 1) Por meio da palavra: o servo anuncia que a salvação de Iahweh chegou. No exílio os israelitas ao fazerem a memória histórica do êxodo, eles retomam as promessas de Iahweh, e constatarem que é possível viver o projeto de Deus de terra, bênção e descendência. A missão de ser luz requer recuperar a imagem de Iahweh e de Israel; 2) Por meio da ação: o servo age em prol dos demais exilados no império babilônico. O servo é luz para as nações, apesar de opiniões divergentes, supõe-se que a luz libertadora repercute entre todos aos israelitas da diáspora, de Judá, em Jerusalém, e também entre os não-israelitas que vivem as conseqüências de exclusão e opressão dos Impérios dominantes.

No quarto destaque que faço, é possível fazer um paralelo entre o exílio babilônico e a atual realidade em que se vive. Pois, a situação do exílio na Babilônia, bem como o desejo das exiladas e dos exilados de sair dele, faz retomar a realidade do povo latino-americano. Este vive em constantes exílios em seu próprio continente e as razões a serem elencadas seriam muitas, entre elas a falta de políticas públicas adequadas, falta de empregos, falta de terra e moradia, perseguições políticas. No contexto do exílio babilônico, constata-se que Iahweh escolhe para ser seu servo um povo escravizado, crucificado e desvalorizado em sua cultura, fé e modo de ser. O Império Babilônico, no seu apogeu, no século VI a.C. era uma potência que dominava e subjugava nações. Seu poder político, econômico, social e religioso era legitimado por inúmeras divindades, estas eram protetoras de reis tiranos. O “Servo de

Iahweh” redescobre no exílio a força de Deus. Israel sofreu, no decorrer de sua história, várias invasões de nações imperialistas, que costumavam oprimir os povos através de elevados tributos, realizavam constantes exílios vivenciados por diferentes povos, em várias partes do Império. Assim acontece na história da humanidade: as grandes potências do mundo dominam os países pobres, através de seu sistema ditatorial, antidemocrático, bélico, discriminatório e neoliberal. O “Servo de Iahweh” conhece bem a situação do seu povo e procura uma alternativa frente ao sofrimento e às conseqüências do sistema dominante. O servo não consegue obter liberdade sozinho. Por isso, ele não se enquadra no servo como um indivíduo, ele é um coletivo, pertencente a um grupo de exilados.

No quinto item que destaco como conclusivo, trago a expressão “servo” para incluir também as mulheres israelitas exiladas na Babilônia. Portanto, são as servas e os servos que decidem juntos pôr um fim aos seus sofrimentos. Também elas e eles não conseguem sozinhos o poder babilônico. O desejo de libertação vem acompanhado da força de Iahweh e da confiança nele. Atualmente, os servos e as servas de Iahweh experimentam novas alternativas para vencer todo o tipo de escravidão e exclusão. Mulheres e homens impulsionados pela força de Deus se organizam e se mobilizam em defesa da vida.

Ser serva e servo de Iahweh, atualmente, requer estar atento à realidade e aos sofrimentos do povo. É ter compaixão, vinda desde as entranhas, ao ver situações de exclusão social em que vivem milhares de pessoas, e vislumbrar o desrespeito à mãe-natureza. É indignar-se e não aceitar injustiças, corrupções e indiferenças aos pobres e excluídos.

Além de ouvir faz-se necessário deixar-se modelar por Deus, e não resistir ao seu chamado de transformar a realidade, de mudar as estruturas que já não trazem mais vida e sim levam ao acomodamento.

Portanto, o “Servo de Iahweh”, ao acatar o chamado, não fica lamentando o sofrimento, mas busca maneiras para superá-lo e crê na força de Iahweh, que serve de esteio para a luta e a coragem dos seguimentos explorados e exilados, onde quer que se encontrem. A fé do servo se estende ao máximo e se torna esperança de que seja possível re-criar um novo projeto de vida e justiça para todos.

Sendo assim, os servos e as servas de Iahweh, hoje, são aquelas pessoas que buscam alternativas frente ao sistema político dominante. São mulheres e homens defensores da vida, que testemunham a Boa Nova do Reino de Deus que repercute em todos os cantos do cosmos. Eis os servos e servas de hoje. Oxalá ouçamos suas vozes! Prestemos atenção! Elas e eles vão falar, agir e, fundamentalmente, transformar!

Referências

- ABREGO LACY, J.M. *Os livros proféticos*. São Paulo: AM, Vol. 4, 1998. (Coleção: Introdução ao Estudo Bíblico).
- A CRIAÇÃO E O DILÚVIO: segundo os textos do Oriente Médio. São Paulo: Paulinas, 1990. (Documentos do mundo da Bíblia-7).
- ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALONSO SHÖKEL, Luis; MATEOS, Juan. *Isaías*. Madrid: Cristiandad, 1968.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas I: Isaías e Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- AMSLER, S. et alii. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto. *Os profetas e a luta do povo*. São Paulo: CEPE, 1991.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA Hebraica *Stuttgartensia*. Bíblia Hebraica. Stuttgartensia. 4 edição. Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.
- BRASIL, Ptolomeu de Assis. *Batalha de Caiboaté: episódio culminante da guerra das missões*. Brasília: Senado Federal, 2005.
- BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1971.
- CARVALHO, Priscila D. Movimentos unem-se em torno da resistência do povo Guarani. *PORANTIM: em defesa da causa indígena*, Brasília: CIMI, Ano XXVII, n 283, p. 4, Mar. 2006.
- CAZELLES, Henri *A história política de Israel desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora* São Paulo: Paulinas, 1996
- CHAMORRO, Graciela. *A Espiritualidade Guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Por uma terra sem males: fraternidade e povos indígenas*. São Paulo: Salesiana, 2001. p. 55-56.

- CHEUICHE, Alcy. *Sepé Tiaraju: romance dos 7 povos das missões*. Porto Alegre: AGE, 1993.
- CROATTO, J. Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. I.1-39. O profeta da justiça e da fidelidade. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal,1989. (comentário bíblico).
- _____. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II. 40-55. A libertação é possível. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998a. (comentário bíblico).
- _____. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. III. 56-66. A utopia da nova criação. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998b. (comentário bíblico).
- _____. O Dêutero-Isaías, profeta da utopia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes. n 24. p. 38-43, 1996.
- _____. Composição e querigma do livro de Isaías. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, n. 35/36. p. 43-76, 2000.
- _____.A sexualidade da divindade-Reflexões sobre a linguagem acerca de Deus. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, n.38. p. 16-31. Fev. 2001.
- CUNHA, Rogério de Almeida. *O servo solidário: uma reflexão sobre nossa experiência de Exílio a partir do Segundo Isaías*. São Leopoldo: Gráfica editora, n. 201/202, 2004. (Centro de Estudos Bíblicos)
- DAVIDSON, B. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. 21.ed. Grand Rapids, Zondervan, 1987.
- EDEL,Reiner-Friedemann. *Hebräisch-Deutsche Präparation zu Jesaja*. Marburg: Oekumenischer Verlag, 1964, p. 119.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DREHER, Carlos A. Escravidão e escravos na Bíblia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, 1988, n. 18, p.19-26.
- FIORENZA, Elizabeth Schüsler. *Los Caminos de la Sabiduría: una introducción a la interpretación feminista de la Bíblia*. Editorial: Sal e Terra: Santander, 2001.
- FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões Jesuíticas*. Porto Alegre: EST, 1996.
- GARCIA BACHMANN, Mercedes. *El “Siervo” en Isaías y la “continuidad del des-poder”*. Buenos Aires: Lúmen-Isedet, 2000, p. 275-295.
- GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40-55. *Isaías 40-55. Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, 2006 p.33-43, 2006.

- _____.A comunidade de Israel em crise: o exílio da Babilônia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes. n. 15, 1987, p.23-37.
- GOMES-ACEBO, Isabel. *Deus é também mãe: reflexões sobre o Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Jesus e a comunidade primitiva. Vol. I. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- GRIMBERG, Carl. *História Universal: da aurora da civilização ao crescente fértil*. Publicações Europa América. Santiago: Azul, 1989.
- GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje*. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1983.
- HARRIS, R. L; ARCHER JR, G. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HERRMANN, Siegfried. *História de Israel en la epoca del antiguo testamento*. Ediciones Síguime, S. A., 985.
- ISRAEL E JUDÁ: textos do Antigo Oriente Médio*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- JENNI, E; WESTERMANN, C. *Dicionário Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, Vol. II, 1978.
- KIRST, Nelson; KILPP, Nelson. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio*. Uma interpretação teológica. São Paulo: Paulinas, 1990.
- LAFHEY, Alice L. *Introdução ao Antigo Testamento: perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MALDOS, Paulo. Da crise das promessas, às promessas das crises. *PORANTIM: em defesa da causa indígena*, Brasília: CIMI, Ano XXVII, n 286, p. 3 e 4, Jun./Jul, 2006.
- MANDELKERN, Solomon. *Concordantiae Hebraicae Atque Chaldaicae*. Tel Aviv: Sumptibus Schocken Hierosolymis, 1978.
- MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigiyuki. *Sonhar de Novo*. Segundo e Terceiro Isaías. (40-66) roteiros para encontros. São Paulo: Paulus, 2004 (Centro Bíblico Verbo).
- MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigiyuki. O Senhor terá compaixão: uma leitura de Isaías 55, 1-11. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, p.60-69, 2006.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- MELIÀ, Bartomeu. A experiência religiosa guarani. In: MARZAL, Manuel (coord). *O rosto índio de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1989.

- MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre: Os cânticos do servo de Deus no livro do profeta Isaías*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MONLOUBOU, L; DUBUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NAKANOSE, Shigiyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *O Segundo Isaías (40-55) da semente esmagada brota nova vida*. São Paulo: Paulus, 2004. (Série Como Ler a Bíblia).
- NIMUENDAJU, Kurt Unkel. *As lendas da destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva Guarani*. São Paulo: EDUSP/Hucitec, 1987.
- NÚÑEZ REGODÓN, Jacinto. *El universalismo dos Cantos del Siervo*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1984, p. 67-76.
- PEDRO, Antônio. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.
- PIXLEY, Jorge *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Brasil Indígena: 500 anos de resistência*. São Paulo: FTD, 2000.
- RABUSKE, Arthur. Carta de índios cristãos do Paraguai, máxime dos sete povos, datadas de 1753. Mártires das missões 1628-1978. In: *Estudos Leopoldenses*. Ano XIII, Vol. 14, n 47, 1978. p. 75-102.
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. São Paulo: Aste, 1974.
- REIMER, Haroldo. A tradição de Isaías. Segundo Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, 2006, p. 9-18.
- REZENDE, M. V. *História da República "Comunista" Cristã dos Guaranis: 1610-1768*. CEHILA.
- RIDDERBOS, J. *Isaías*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Cativeiro da Babilônia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n 43, 1994, p. 39-43.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- _____. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- SELLIN, Ernst G. Fohrer. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.

- SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Deus também estava lá: exílio na Babilônia*. Vol. 8. São Paulo: Paulinas, 2002. (Coleção Bíblia em comunidade, Série Visão Global).
- SICRE, J. Luis. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SILVA, Valmor da. Leitura do primeiro canto do Servo do Senhor, segundo Is 42,1-7. Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n 89, 2006 p.44-59.
- _____. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. In: DREHER, Carlos A. et al. (Org.) *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006 p.258-272.
- SIQUEIRA, Técio Machado. Segundo Isaías: o anúncio da permanente esperança. Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n 89, 2006, p.19-24.
- STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- SUESS, Paulo. (Paulo<suess@uol.com.br) Convergência CF2002, "Por uma terra sem males": articulação da Vida Religiosa em torno da CF2002. p. 1-10. Enviada mensagem para Rabeca Peres da Silva (rabecaps@yahoo.com.br), 25/Mar/2006.
- TORREZ HERNÁNDEZ, Julio Francisco. *El Siervo de Yahweh em los Padres griegos primitivos*. Pamplona: Universidad de Navarra, p. 103-198, 1999.
- VALERIO, Paulo F. *Deus justo e misericordioso: Na experiência de Abraão e do Servo Sofredor*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológico, 2003.
- VIA CAMPESINA. *O latifúndio dos Eucaliptos: informações básicas sobre as monoculturas de árvores e as indústrias de papel*. Porto Alegre: Via Campesina, 2006.
- VIA CAMPESINA. *Dossiê Deserto Verde: o latifúndio do eucalipto*. In: Manifesto das mulheres camponesas-via campesina-Brasil. Porto Alegre, p. 32-34, mar. 2006.
- WIENER, C. *O profeta do novo Êxodo: O Dêutero-Isaías*. São Paulo: Paulinas, 1981. (Coleção Cadernos Bíblicos, n 7).
- www.pnud.org.br, 10 de Outubro de 2007.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. A Boa Nova em Isaías 40-66: um evangelho antes do Evangelho. Isaías 40-55. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 89, 2006, p.25-32.
- _____. Servos do Império: uma análise da servidão no Dêutero-Isaías. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 18, 1988, p.37-43.

_____. Jerusalém na tradição isaiânica. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 36, 1992, p.24-36.

ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

ZIMMERLI, Walter. *Manual de Teologia del Antiguo Testamento*. Vol. II. In: Academia Cristiana: Madrid, 1980.